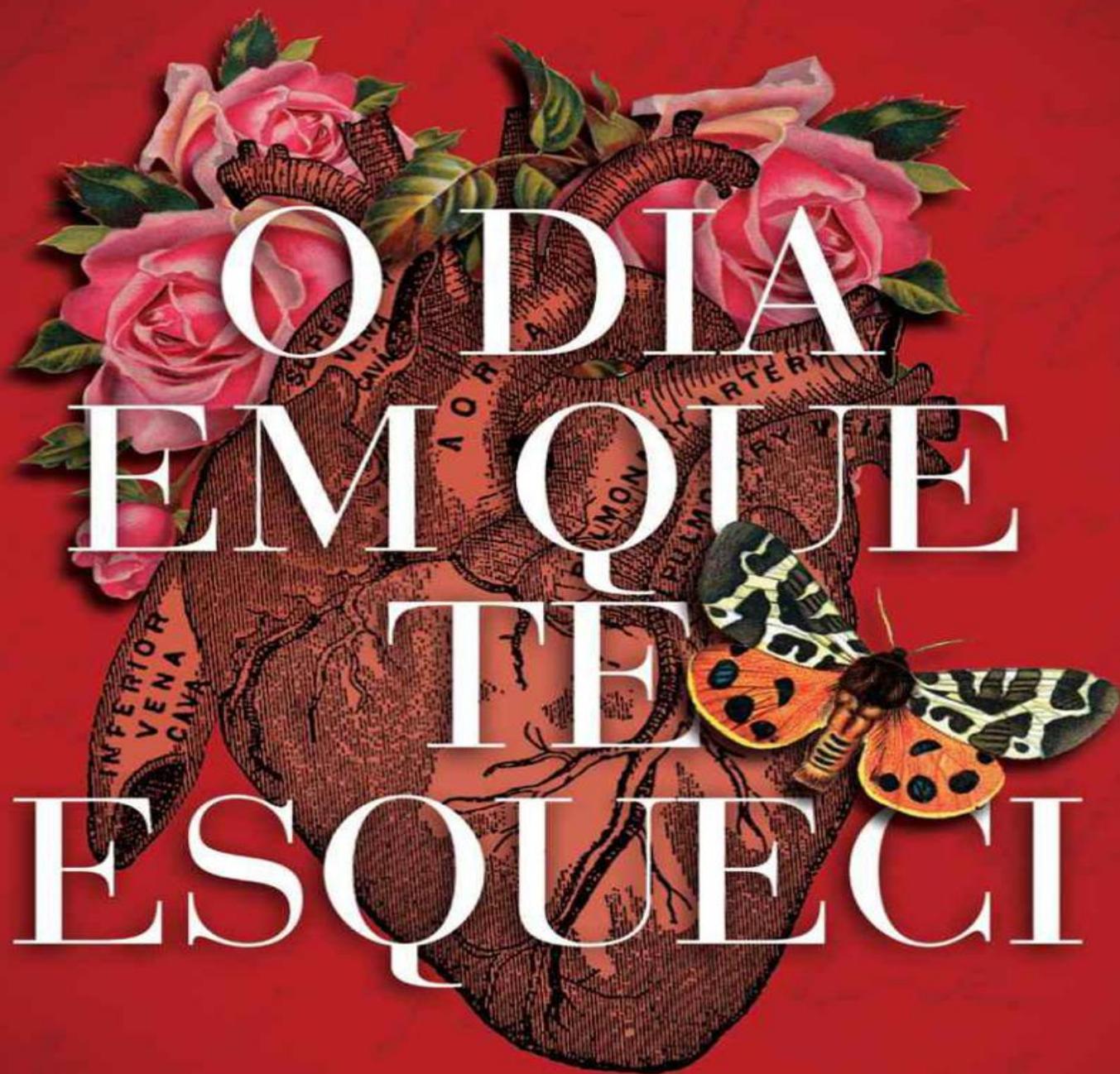


MARGARIDA REBELO PINTO

Autora de Diário da tua ausência



*Para todas as mulheres que viveram um grande amor.
A todos os homens que o perderam.*

B
BERTRAND BRASIL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Da autora:

Diário da tua ausência

O dia em que te esqueci

Margarida Rebelo Pinto

*O Dia
em que te esqueci*



B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2014

Copyright © 2011, Margarida Rebelo Pinto
Mediante contrato com Pontas Literary & Film Agency, Espanha

Capa: Silvana Mattievich

Editoração da versão impressa: FA Studio

Texto revisado segundo o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2014

Produzido no Brasil
Produced in Brazil

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros — RJ

P726d Pinto, Margarida Rebelo, 1965-
O dia em que te esqueci [recurso eletrônico] / Margarida Rebelo Pinto. - 1. ed. -
Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
recurso digital

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-286-1904-1 (recurso eletrônico)

1. Romance português. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

CDD — 869.3
CDU — 821.134.3-3

14-15694

Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.
Rua Argentina, 171 – 2º andar – São Cristóvão
20921-380 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (0xx21) 2585-2070 – Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia
autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

Para o Lourenço

Para a Ana, outra vez

Para quem vive no meu coração

O DIA EM QUE TE ESQUECI

Na lista dos teus fins, venho no fim
de uma página nunca publicada,
e é justo que assim seja. embora saiba
mexer palavras, e doer de frente,
e tenha esse talento conhecido
de acordar de manhã,
dormir à noite,
e ser, o dia todo, como gente,
nunca curei, como previa, a lepra
nem decifrei o delicado enigma
da letra morta que nos antecede.
Por muito te querer, talvez pudesses
dar-me um lugar qualquer mais adiante,
despir-te de pudor por um instante
e deixá-lo cobrir-me como um manto.

ANTÓNIO FRANCO ALEXANDRE

O medo é a única prisão, e a única verdadeira liberdade consiste em viver livre do medo.

AUNG SAN SUU KYI

— *E aquilo o que é?*

— *Um sonho. Um sonho mecânico. Deixei-o aí para me lembrar que também aos sonhos os devora a ferrugem. A ferrugem nunca dorme.*

JOSÉ EDUARDO AGUALUSA in *As Mulheres do Meu Pai*



Esta carta já foi um ajuste de contas, uma confissão, um grito de revolta, um lamento de tristeza. Quando a comecei a escrever queria esquecer-te à viva força, como quem arranca as crostas de uma ferida que ainda não sarou. O resultado foi semelhante, fiquei com a alma em carne viva. Pode existir maior clichê? Não, mas só quem nunca sofreu um grande desgosto de amor é que não sabe do que aqui falo.

Eram assim as primeiras linhas...

Escrevo-te para te dizer que me vou casar. Talvez esta informação se revele fútil ou até desnecessária aos olhos do mundo, sobretudo o fato de te falar acerca do meu futuro quando a vida nos afastou tanto. Pode parecer ridículo que ainda me dê ao trabalho de pensar que tal notícia te poderia interessar. Tal como me interessa comunicar-te a minha realidade por seres ainda, e apesar de tudo o que já nos desuniu, importante para mim.

Tudo isto foi há muito tempo. Num tempo em que acreditei que te podia esquecer se me obrigasse a amar outro homem. Não sabia como te limpar do meu sistema sanguíneo e por isso mesmo inventava realidades forçadas que transcrevia em parágrafos empolados de orgulho ferido, com o intuito de te exorcizar.

Estes parágrafos nunca te foram enviados. Viveram reféns na gaveta até ao momento certo. E o momento certo é agora, porque já não preciso de inventar nada. O tempo e a vida, com toda a sua grandeza e generosidade, encarregaram-se de reorganizar as peças de um complexo *puzzle*, o mesmo que em tempos nunca teria nem a força nem a coragem de terminar.

Agora estou em paz, e talvez por isso mesmo tenha decidido escrever-te.

Já não quero ajustar contas, nada do que sinto passa por ti, apenas a minha vontade de partilhar contigo o que vivemos, juntos e separados. E, também, porque o caminho que fazemos se torna tantas vezes mais e mais significativo do que o destino ou objetivo a que nos propusemos de início, vou contar-te como cheguei até aqui. Por isso guardei todas as palavras que aqui te ofereço. Acredito que elas te ajudarão a chegar mais longe.

A carta continuava no mesmo tom magoado inicial, o único que me era possível ter naquela época.

Também é bom não esquecer que faz hoje quatro meses que me fizeste o mesmo anúncio, não por escrito mas de viva voz, deitado na minha cama, sob o peso leve do meu corpo, depois de uma noite em

branco em que o prazer e o amor se fundiram na mais bela das formas. Esse fato não representaria qualquer perigo se tu me amasses, ou se eu não te amasse. Recordo-te ainda que nesse mesmo dia 6 de Setembro fazia exatamente três anos que nos tínhamos conhecido — e apaixonado — e também um ano exato desde o último encontro. Regressaste inesperadamente a Portugal por causa da morte de uma das melhores amigas da tua mãe, a minha mãe sueca, como gostas de dizer, da mesma forma que te referes à mãe de uma antiga namorada (a mesma que em tempos te destruiu a um ponto que só nós os dois sabemos) como a tua mãe francesa.

Nisto, como em tantos outros pequenos nada, que todos somados se revelam maiores do que o todo, sou tragicamente igual a ti; incapaz de me satisfazer com a doçura imensa que emerge ainda das sombras provocadas pela doença prolongada do meu pai — embora não lhe falte nem a fibra nem a integridade indispensáveis a um caráter imaculado e exemplar —, também eu encontrei dois pais alternativos: um de sangue, irmão mais novo do meu pai por quem tenho uma afeição especial e que me trata por “sobrinha diletta”; e o Carlos, casado com uma das minhas melhores amigas e padraсто daquela que considero como minha irmã mais nova de empréstimo, a bela e adorável Julieta.

Somos os dois tão carentes, tu e eu, que não conhecemos outra forma de atravessar a vida sem procurar desesperadamente tábuas de salvação afetivas.

As mais evidentes são as pessoas com quem nos relacionamos de forma amorosa. Depois, vêm os amigos. E por fim as nossas famílias, que tanto trabalho nos deram durante a infância e a adolescência, e

que, de certa forma, criaram e alimentaram as fraquezas que escondemos do mundo, mas não de nós próprios, e, por consequência, um do outro.

É difícil decidir-me por qual começar. Todas as famílias escondem tragédias, guardam segredos e revelam idiossincrasias. Lembro-me de uma frase da Lucía Etxebarria que te enviei há já alguns anos e que adotaste como uma das tuas poucas verdades: as únicas famílias felizes são as que se conhecem mal.

Ambos sabemos muito bem quanta sabedoria está contida em tal afirmação. Várias vezes aludiste à falta de intimidade que tens com a tua família, sempre com o cuidado de nunca a confundires com ausência de afeto ou de proximidade.

A intimidade é outra coisa, e disso sabemos nós. A nossa assusta-te tanto, que ainda hoje foges dela.

Numa confissão pungente que Franz Kafka escreveu numa carta ao pai, o escritor confessa o pânico que tem do casamento, dizendo: «A partir do momento em que me decido a casar, nunca mais consigo dormir, fico com a cabeça a escaldar, dia e noite, deixo de ter uma vida, ando por aí desesperado e indeciso.» Páginas antes, escrevera: «É minha convicção que casar, constituir família, aceitar todos os filhos que vierem, sustentá-los neste mundo incerto e até orientá-los um pouco é o máximo a que uma pessoa pode chegar.»

Kafka é artiloso na sua argumentação; por um lado, culpa o pai por lhe ter infligido tanto medo durante a infância, provocando-lhe elevados níveis de insegurança — o que o impede de ter coragem para enfrentar o casamento —, e, por outro, afirma que o casamento dos

pais era tão completo que constituía para ele um patamar demasiado elevado, impossível de alcançar.

Ofereço-te o primeiro argumento, para ficar eu com o segundo. Sim, é possível que a maneira inconsequente e egoísta como o teu pai levou a vida — mascarando sempre a realidade a seu bel-prazer com uma simpatia palaciana e nem sempre bem-intencionada que não deixou de causar estragos por onde passou — te tenha criado o tal pânico de que Kafka fala. Tal como faz para mim todo o sentido que a imagem de um casamento perfeito com a qual cresci tenha bloqueado a minha vida amorosa para sempre.

Também é verdade que já antes dos vinte anos eu começara lentamente a perceber de que matéria era feita a tal «perfeição» no meio da qual cresci e que durante a adolescência me esmagava pela sua plenitude aparente. A dinâmica veio afinal a revelar-se bastante elementar: o meu pai sempre dependeu da minha mãe, ainda que não o admitisse. E a minha mãe sempre tomou conta dele.

O entendimento de tal realidade começou a ter efeitos nefastos em mim, mesmo antes de a perceber na totalidade, e demorei muito tempo até a conseguir aceitar. Talvez por isso se tenham completado duas décadas até me aperceber que o amor não pode nem deve navegar nas águas da dependência, embora nunca tenha conhecido ninguém que vivesse de outra forma.

O apego é o preço do afeto, já o disse tantas vezes, repeti-lo nunca me soa redundante. Há momentos em que todos sonhamos com uma outra espécie de amor, livre e leve, mas todos sabemos que não são essas as premissas do verdadeiro amor. Somos todos prisioneiros de um sonho ou de uma realidade, no fundo, nunca somos livres.

É provável que tenha germinado aí a minha propensão apocalíptica para amores impossíveis. Cada vez que me apaixonava era por um rapaz que vivia noutra país ou que não gostava o suficiente de mim para me fazer feliz, ou ambas as coisas. Tornou-se essa a minha trágica expertise, ludibriar a viabilidade no amor, transformando o intangível na realidade, reduzindo-o ao seu poder inspirador para sonhos e escritos, que são afinal a mesma coisa.

Amar sem esperar reciprocidade é uma doença silenciosa e traiçoeira como o cancro; quando damos por isso, o mal causado já se espalhou de tal forma que não é possível escapar.

Eu escapei. Escapei ao fim de vinte longos anos de calvário autoinfligido, e é também por isso que te escrevo, porque tu foste a minha última miragem, o derradeiro de todos os cavaleiros andantes, porventura o mais belo, construído pela minha paixão obstinada em perseguir um ideal, e seguramente o mais fraco quando, por fim, te consegui ver sem ser em cima do cavalo.

Depois da forma ignóbil e cobarde como te comportaste da última vez em que estivemos juntos, encenando a tua atitude com falta de tato e tentando desculpá-la com o recurso sempre nobre à «sinceridade», nunca mais poderás ascender ao pedestal da tua suposta dignidade.

Restava-te apenas aquilo que fizeste: sair pelo teu pé, ligeiramente cambaleante, de olhos postos no chão e sem olhar para trás.

Antes de saíres, enquanto eu bebia um café e tu um chá, perguntei-te se te casavas por pena dela, com medo de ficar sozinho ou porque

pensavas que já não podias escapar, respondeste, enquanto me abraçavas: «É uma coisa que tenho de fazer, preciso de sentir que estou a andar para a frente, ainda que depois não o faça.»

É assim que tu te revelas, capaz de pedir uma mulher em casamento, consciente de que a qualquer momento podes romper o compromisso que aparentemente assumiste. Este e outros raciocínios do mesmo tipo denotam uma índole insegura e profundamente egoísta. Nunca sabes o que queres e vives tão perdido nas tuas dúvidas que nem sequer consegues perceber o mal que podes infligir aos outros. Faltam-te generosidade e empatia, bem como aquela qualidade tão rara quanto digna a que os ingleses chamam kindness e que o meu outro amor tem de sobra, sendo esse um dos fundamentos mais sólidos da sua personalidade, e como tal um dos seus mais notáveis encantos...

Era este o tom do meu discurso, em que a raiva e a frustração se misturavam com lágrimas parvas e silenciosas. Queria chamar-te à razão, meter-te na ordem, gritar ao mundo as injustiças e as maldades que me infligias. Ninguém me via chorar. E, no entanto, estou certa de que tu sabias o quanto eu sofria... soubeste sempre, talvez por isso agora te sintas mais leve com as minhas palavras. É boa esta leveza entre nós, não é? E é nova, também. Devemos aprender a saboreá-la. É como uma bandeira da paz espetada na Lua. Só Deus sabe o caminho que percorri e quantas vezes tropecei para chegar aqui. Cheguei, ilesa, inteira, e afinal é isso que importa. E por ter conseguido tal proeza é agora que te escrevo, meu querido. Mais uma vez, tal como já aconteceu antes, sei que ouvirás todas as minhas palavras e compreenderás tudo o que aqui te conto. Peço-te que me oiças com

atenção, porque vou escrever em voz baixa, que é a melhor forma de me fazer ouvir.



O homem que me amou a seguir a ti era, pensava eu, um dador universal. Para ele, o amor só fazia sentido se o pudesse mostrar. *If you don't show love there is no love*, dizia. Dava tanto e de uma forma tão dedicada e generosa que quis defini-lo na minha cabeça como o teu oposto. Ele vivia para partilhar e mostrar o seu amor por mim, comigo e com o mundo.

Conheci-o em casa de amigos comuns algumas semanas depois de teres partido, e desde o primeiro instante sentimos uma enorme atração. Ele mudou a sua vida por mim em quinze dias, prometeu-me amor eterno, e eu, muito estúpida, inebriada com tanto heroísmo, convenci-me de que estava apaixonada por ele.

Vou dar-te alguns exemplos para melhor entenderes o que te quero dizer: voltemos aos clichês, trivialidades, pequenos gestos aos quais os amantes atribuem grande significado — flores.

Todas as vezes, sem exceção, que ele me esperou numa estação de comboios ou num aeroporto, ofereceu-me flores. Rosas encarnadas, muitas. Às vezes, brancas. Para nós, o branco era a cor, primeiro da

felicidade, e depois do futuro. Houve momentos em que imaginamos que eram a mesma coisa.

Quando festejamos três meses de paixão (agora chamar-lhe-ia delírio) e eu apanhei o avião para ir ter com ele no fim de semana — foi buscar-me ao aeroporto e levava mais uma vez um ramo enorme de rosas. Perguntei-lhe quantas eram, respondeu que eram trinta, dez por cada mês. Semanas antes, quando me deixou alguns minutos sentada à mesa de um restaurante para atender um telefonema urgente, regressou com uma dúzia e meia de rosas e disse: desculpa ter-te feito esperar. Quis saber onde as tinha arranjado. Um homem que ia a passar perguntou-me se queria uma e eu respondi: quanto custam todas?

Este homem, que me queria dar o mundo, oferecia-me chocolates sempre que estávamos juntos. Dizia que gostava de me ver a saboreá-los. Eu abria as caixas e comia-os devagar, um atrás do outro, e ele ficava a olhar-me, deliciado, e dizia: you were designed for pleasure.

Era um romântico compulsivo, e aqueles gestos causaram um enorme impacto, até porque este tipo de gentilezas, ou outras, nunca as tiveste comigo. Desconheço se em algum momento as praticaste com outra mulher. Vives tão perdido no teu labirinto que és como um naufrago que prefere recusar todas as boias que lhe são lançadas. Ou talvez penses que, ao agarrares-te a uma delas, irás mais depressa ao fundo.

Não há culpa nem mérito em tudo o que o destino decide por nós, muito menos quando somos ainda umas crianças e o inesperado nos atinge na maior fragilidade e esmaga os nossos virgens espíritos.

A tua natureza fugidia e arisca não é a tua primeira natureza, antes uma reação à realidade com que te confrontaste. Nunca te habituaste a dar. Quando eras ainda uma criança, a tua vida mudou tão repentinamente que esse choque só é comparável ao de um refugiado de guerra.

Viveste uma infância de ouro, de uma beleza imensa, aquele tipo de infância da qual poucas crianças no mundo se podem gabar. Recebeste muito amor e atenção. Mas de repente essa fonte secou. A realidade alterou-se para sempre a partir do momento em que te mandaram estudar para a Inglaterra e foste literalmente lançado aos leões como numa arena romana.

Lembro-me de me contares que nos primeiros meses no colégio nem abrias a boca. Querias aprender a falar sem o menor traço de estrangeirismo, o teu único desejo era ser visto como um menino igual aos outros, ou então que ninguém desse por ti, porque enquanto fosses invisível ninguém te iria perseguir. E foi assim que te tornaste tão inglês; o teu sotaque faz inveja ao da rainha, todos os teus modos são do mais british que há, conferindo-te um toque internacional muito atraente que reflete a tua maneira de ser aristocrática, contida e palaciana.

Pena é que tais virtudes sociais tenham sido assimiladas pelo teu carácter permeável e fraco, tornando-se em defeitos muito menos interessantes.

Perdoa se te pareço cruel; porém, é exatamente daqueles que mais nos amam que saltam as críticas mais duras. São eles que nos conhecem, que esperam sempre o melhor de nós, quanto mais não seja pelo amor que nos têm.

Quando falo do homem que em ti conheço, falo do que vi e de tudo o que vivi, muito mais do que o meu amor apaixonado e o meu otimismo infantil me fizeram imaginar.

Esse homem que eu julguei como o certo para mim não foi mais do que um mito; nasceu, cresceu e morreu num outro livro. Não precisamos de lá voltar.

Pouco mais de um mês depois do nosso episódio funesto e após algumas trocas de telefonemas e de e-mails sempre sinceros mas nem sempre cordatos, liguei-te para dizer que ia passar um fim de semana à tua cidade. Estavas triste, desanimado, como tantas e tantas vezes já te encontrara. Disseste-me que afinal não só não avançaras com o pedido de casamento como decidiras acabar tudo. O que aconteceu entre nós afetou-me profundamente, explicaste. Preciso de estar sozinho e de me ouvir. É perigoso ver-te, remataste. Foi então que te disse, com a minha frontalidade involuntária e por vezes implacável, que estarmos juntos não constituía o menor perigo porque semanas antes eu encontrara alguém por quem me apaixonara e que, ao contrário de ti, estava disposto a apostar em mim.

Que bom para ti, respondeste, depois de uma quase imperceptível hesitação. Nem sequer lamentei não ter sentido na tua afirmação a mais leve inflexão de ironia. Podias até estar a ser sincero, costumavas sê-lo comigo. A tua dificuldade reside em seres sincero contigo próprio.

Quando voei para a tua cidade já sabia que não te encontraria. Irias fugir mais uma vez, como tantas vezes já o fizeras. Pouco me

importei. A minha vida estava a mudar, como se depois de uma longa e involuntária hibernação me fosse finalmente dada a oportunidade de respirar ar puro e ver a luz.

Nunca tive medo da luz, nem tampouco me assustei com a minha sombra, mas aprendi a ver nas trevas dos outros a grandeza da minha própria escuridão, e demorei demasiados anos a aceitar que, se há coisas que nunca se agarram, o amor é uma delas. Sempre que tentas correr atrás dele, brinca com a tua dor, faz-se de gato da Alice, que escarnece de nós para desaparecer em seguida, brincando aos impostores como Oz, o feiticeiro, que se divertia a ser mau, só para provar que a maldade é uma força indomável, com vida própria, que não vale a pena tentar domesticar ou fingir ignorar. O amor aparece para alterar o rumo da tua vida, e acaba sempre por conseguir, quer queiras, quer não.

Nesse fim de semana fugiste porque não me querias ver. E pela primeira vez em três anos não me questioneei por quê. Não procurei no meu pensamento articulado, habituada a encontrar respostas para as eternas questões do coração, explicações remotas e próximas para a tua atitude. Ainda pensei em ti todos os dias, ainda tive saudades tuas, mas saudades um do outro é algo que vamos sentir sempre, não é?

Quando duas pessoas foram tão próximas como nós, e viveram essa proximidade de uma maneira única, aquilo a que tão raramente podemos chamar intimidade, há marcas que ficam para sempre na nossa memória, sendo por isso inútil, e até ingênuo, tentar apagá-las.

É mais fácil arrancar uma árvore à terra com todas as suas raízes do que esquecer a intimidade. Tu vives em mim por tudo o que representaste de bom e que foste de mau. E, no entanto, não tenho por ti nenhum sentimento de raiva, de revolta, de tristeza ou de desejo de esquecimento por todas as desilusões e dissabores que me causaste; fui eu que deixei que me fizesses mal e sei melhor do que ninguém que nunca me quiseste magoar.

Nunca queres fazer mal a ninguém, é esse um dos teus defeitos mais perigosos.

Voltando à palavra perigo que em tantas circunstâncias utilizaste em relação a mim, à nossa paixão descontrolada, à sede devastadora que te dominava os sentidos sempre que estávamos juntos e que nos atirava invariavelmente para a cama, lamento chegar à conclusão de que foste muito mais perigoso para mim do que o contrário; eu pensava que vivias numa espiral e acreditava que podia, com todo o amor que tinha por ti, aliado a uma profunda compreensão do teu ser, ajudar-te a sair dela, e acabei presa numa armadilha que é um espelho em ponto pequeno do teu grande labirinto, do qual, sei hoje, nunca sairás.

Só nos apercebemos de que vivemos num labirinto quando se nos deparam labirintos ainda maiores. E o teu, meu querido e confuso amor, é dos mais vastos e complexos que já visitei.

Gosto de arrumar a memória por capítulos, momentos-chave, etapas ou qualquer outra fórmula artificial que não me faça perder o sentido diacrônico da realidade que vivi e que me leve a acreditar que

avancei, tantas vezes atrás de tempo, embora sempre a tempo, porque vamos sempre a tempo desde que saibamos aceitar e aprender. A vida espera sempre por nós, só a morte é que nunca espera.

Vivi três anos apaixonada por ti. No primeiro, lutei com todas as forças para te conquistar. Sonhei contigo, desenhei no meu otimismo tenaz e tantas vezes quase ridículo uma vida em comum, esperei por ti, comprei uma casa nova que restaurei e decorei a pensar que um dia irias viver nela, escrevi muito e acabei entregue à solidão da espera, qual condenado fechado na solitária. Eu sentia que não me amavas da mesma forma, mas não queria aceitar tal evidência, por isso vazei os olhos da minha lucidez num gesto de obstinação descontrolada. Era-me mais fácil então ficar temporariamente cega do que aceitar a realidade. Amava-te demasiado, desistir de ti era quase como morrer. Agora, com o véu da distância, pode parecer-te um exagero, mas foi o que senti durante esse tempo, era essa a minha realidade.

No segundo ano, quando finalmente não tive outro remédio senão aceitar que não me amavas, nem da mesma forma nem de qualquer outra, acumulei o meu amor por ti com uma afeição profunda, quase maternal, por outro homem muito mais novo do que eu, que por isso mesmo sabia à partida que nunca poderia ser a pessoa com quem um dia partilharia a minha vida.

E no terceiro ano, quando as circunstâncias me afastaram dos dois e mergulhei numa tristeza imensa que me devorou os dias e da qual só despertei pouco antes de ter ficado doente, tentei esquecer-te, mesmo sabendo que isso nunca iria acontecer.

Deves perguntar-te por que te escrevo esta carta; nem eu própria sei. Tenho a certeza de que não te devo nada e que escrevo para mim própria, consciente de que ao pensar em ti estou ainda a dar-te espaço e tempo que o mundo inteiro pensa que não mereces. Mesmo assim, navegando contra a corrente do que seria sensato e razoável, prefiro limpar o meu coração. Gosto de pensar que é um coração novo desde que fui operada e nele foi colocado um oclisor num buraco que me podia ter custado a vida. Prefiro limpar o meu músculo central com as palavras que constituem uma arma quase perfeita para arrumar os sentimentos, sobretudo aqueles que sabemos que não conseguiremos apagar.



Vou pensando em ti e em nós cada vez menos, embora te mentisse se te dissesse que não me lembro várias vezes. As coisas mais insignificantes ainda me trazem a tua imagem. Lugares onde estivemos, frases, ideias, músicas, cheiros, pequenos nada que me levam até à memória do que fomos, memórias nas quais me deixo ir como se num barco que perdeu os remos.

Uma aula de salsa com as minhas sobrinhas acordou-me as saudades que tenho de dançar contigo. Um concerto de Charles Aznavour avivou a memória de uma tarde que passamos cá em casa, no fim do segundo ano, lembras-te? Corria o mês de Junho, mas fazia um calor de Agosto, o que não evitou um ataque de hipotermia quando me disseste que já não gostavas de mim. O frio que sentia foi apenas temperado com um pranto descontrolado; durante mais de duas horas chorei como uma criança perdida num lugar desconhecido e hostil.

Acontece-me amiúde terminar um artigo e ter imediatamente uma enorme vontade de te enviar para que te rias ou reflitas com ele. Há dias recebi uma fotografia de um baile de máscaras a que fui com o nosso amigo Miguel e lembrei-me que irias gostar de me ver, vestida de Audrey Hepburn, e fiquei com saudades de estarmos todos juntos, com o teu irmão e os outros amigos mais próximos.

O teu irmão e o Miguel continuam próximos, embora com o teu irmão já não fale tanto como antigamente, porque também me cansei, não dele, mas da sua maneira de viver, inconsequente e infantil, que só o desgasta e prejudica, ainda que ele teime em demonstrar ao mundo o contrário. Talvez acredite que nos engana, incluindo-se ele próprio nesse mar de pessoas a quem tenta agradar, não a mim, que o conheço quase tão bem quanto a ti. Continuamos a ser grandes amigos e sei que o amor que alimentamos um pelo outro é imutável. Amo-o tanto que um dia escrevi sobre ele: a amizade é como o amor sem preço nem prazo de validade. O teu irmão tornou-se também meu irmão, não por laços de sangue, mas por laços de vontade, que são afinal os mais fortes. Tal como a tua mãe acabou, por força de circunstâncias várias, por se tornar alguém muito próximo, quase uma outra mãe. Os laços familiares que se criaram entre mim e eles acabaram por ser o legado da nossa história. Quero acreditar que sim, porque os amo com todas as minhas forças e sei que seria capaz de mover o mundo por eles, da mesma forma que já fui capaz de o mover por ti. Penso que já te disse que, mesmo antes de te conhecer, eu já era apaixonada por ele. Os brasileiros usam o verbo ser ligado à paixão. Eles dizem *sou apaixonado por você* para distinguir de *estou apaixonado*. É lindo,

não é? O amor que disparou por ti veio reforçar o afeto que já tinha por ele e alastrou-se mais tarde à tua mãe.

Tenho sempre muitas saudades dele, há em mim um carinho infinito por ele, uma declinação do mesmo que sinto por ti. Vocês fazem-me falta, porque sempre os imaginei como a minha família. Não. O verbo certo não é imaginar, é sentir. Sempre os senti como a minha família.

Sei que sabes exatamente o que te quero dizer quando te escrevo isto. Tu sabes, sempre soubeste, sempre fomos assim. Como escreveu um dia Freud a Lou Andréas-Salomé, «tu compreendes sempre o que te estou a tentar dizer para além do que te digo», lembras-te? E lembras-te quando jantávamos os três e dávamos as mãos em cima da mesa?

O mesmo sentimento passa pela tua mãe, que acabou por se revelar tão cúmplice e tão amiga nesta minha loucura obstinada por ti.

Recordo-me, como se tivesse sido ontem, de uma das vezes em que estivemos juntas. Foi no final de um Verão cujo calendário já perdi, mas que acredito ter sido pelo menos há dois anos. Sei apenas — e é isto que é importante — que foi algum tempo depois de tu e eu nos termos encontrado. Tinha saudades de estar com ela e convidei-a para almoçar.

Depois de te ter visto passar pelo portão com a cabeça entre os ombros, demorei duas ou três semanas a descer à terra. Chorei muito durante essas semanas, saí pouco de casa. Miguel, o grilo falante por excelência da minha (in)sanidade, veio visitar-me várias vezes. Em vez

de ir melhorando, a tristeza e a desolação iam ganhando mais terreno; os dias pareciam-me imensos, acordava cedo e só pensava onde iria arranjar forças para enfrentar as horas de luz até o Sol se pôr.

As noites ainda eram piores, arrastando-se em sequências de longas horas vazias e sufocantes, opressivas e infinitas. Ainda não descobrira o efeito milagroso dos indutores de sono, mas tenho a certeza de que teriam sido muito úteis.

Lembro-me dessas semanas com dificuldade, apenas sei que chorava muito, porque acreditava que as minhas lágrimas acabariam por levar a tristeza, a desilusão e o desânimo e libertar-me de ti. Mas nem sempre é assim; a dor alimenta-se sobretudo de dor e as dores da alma vivem de mãos dadas com o sofrimento treinado, não lhes podemos dar confiança.

É nesses momentos de luto que precisamos do apoio dos nossos amigos, e na ausência circunstancial de alguns deles, pressentindo que o teu irmão há muito se cansara de ser um peão no tabuleiro do nosso xadrez e porque o Miguel partira em viagem por três semanas, ocorreu-me pedir apoio a alguém cujo entendimento da realidade e nível de empatia superassem a intimidade das amizades mais profundas. Essa pessoa é a tua mãe. Só ela te conhece bem, certamente melhor do que eu, sempre gostou de mim e, como tua mãe, só ela sabe o quanto eu te amava.

Telefonei-lhe e fomos almoçar junto ao mar. Acabei por desabafar com ela, não conseguindo conter algumas lágrimas discretas e tão educadas quanto possível. Como poderias tu casar-te com outra, se

andavas há três anos envolvido comigo? Vi o seu olhar toldar-se de compaixão pela minha dor e por todo o amor por ti que a minha tristeza inconformada revelava. E nos seus olhos amarelo-gato vi os teus, quando se clareavam de ternura por mim, como se me quisesses ajudar a sair do meu labirinto sabendo que tudo o que fizesses para mostrar o teu afeto e consideração profundos seria interpretado como gestos de amor que me fariam cair ainda mais fundo no buraco infinito da minha teimosia.

Eu quis tanto que tu me amasses... não se pode querer isso dos outros, é uma violência para eles e para nós próprios. Uma violência e um disparate.

«Estas coisas acontecem muito poucas vezes na vida», respondeu com aquele sorriso triste, tão igual ao teu, como se sentisse a minha dor debaixo da sua pele. «Mas tem de ser forte, tem de desistir e andar para a frente. Faça como eu; procure alguém que a ame verdadeiramente e construa o seu amor.»

É a última vez que choro por ti, pensei eu nessa tarde cheia de sol enquanto conduzia lentamente pela estrada da Marginal no regresso a casa, refletindo sobre a ironia da vida. Não foi assim, porque depois disso, quando deixei que voltasses a invadir o meu coração, chorei não por ti, mas por mim e por ter sido tão estúpida. É que eu tive um sonho e tu roubaste-mo. Mas isso é uma outra história.

Tu foste a minha grande aposta e a minha maior decepção. Mas ainda te amava profundamente. Quando a tua mãe me aconselhou a desistir de ti, só me quis ajudar. Sei que ficará contente quando, ao ler

este livro, souber que me ajudou mesmo, embora o seu conselho generoso e sábio tenha demorado mais de um ano a ser ouvido. Antes disso, foi preciso cair e levantar-me ainda algumas vezes até chegar onde me encontro agora, um território de paz e de tranquilidade jamais alcançado e do qual espero não voltar a sair.

Lembro-me que no final desse Verão virei mais uma página da minha vida. Acordava desfeita, respirava fundo, olhava para o mar, que me acenava, imenso e perfeito da janela, e pensava: tenho de mudar, tenho de aprender com isto, a vida é mais do que sofrimento, angústia, espera e vazio, tenho de aprender a viver outra vez, de uma maneira diferente, que não me faça sofrer tanto. E fui aprendendo, muito devagar, a cada dia que passava, da mesma forma que vou aprendendo ainda hoje.

O Outono fazia-se difícil, teimava em não chegar, tal como no ano anterior. Foi um Verão interminável, é uma ironia pensar que o passei a tentar esquecer-te à custa do amor incondicional de outro homem por mim, um homem determinado em dar-me tudo o que tu nunca me deste e que gostava de me chamar *endless summer*, uma analogia à onda perfeita que os surfistas esperam semanas, meses, anos, até a conseguirem apanhar.

Naqueles meses também eu esperava uma onda. Lisboa esteve sempre inundada de sol e de calor, e eu pedia ao universo que me trouxesse uma nova vida. Pedia com todas as minhas forças, porque já sofrera demasiado e sabia que tinha finalmente chegado o momento de desistir.

Passou um mês e fui recuperando devagar, um dia atrás do outro. O confronto súbito com a morte meses antes ensinara-me a olhar para o mundo com bonomia redobrada.

Agora vivo diariamente momentos de enorme felicidade e de profundo entendimento com tudo o que me rodeia porque sei que estou a viver uma segunda oportunidade. Talvez por isso tenha sido mais fácil aceitar que não havia outra solução senão esquecer-te.

Há mais no mundo para ver e para amar.

Em Outubro voltei a sentir-me firme e segura. O chão que pisava já não tremia. O teu perfume espalhado pela casa dissipara-se. A minha carne sossegou. A última tempestade passara.

Que ironia chamares-me tsunami, quando és tu quem provoca sempre estragos!

Eu queria arrumar a minha cabeça e o meu coração de forma serena, ainda que conformada. Se o destino não nos queria juntos, era porque algo de melhor me esperava. Eu tinha direito a viver um amor pleno. E como por vezes aquilo que pedimos se torna realidade, o que eu tanto desejara chegou-me aos braços semanas depois.

Uma das melhores coisas da vida é que ela muda. Nem sempre muda quando queremos ou como desejamos, mas muda. E no meu caso, porque sou uma pessoa abençoada, muda para melhor. Pelo menos, acredito que assim é. E o mais importante não é aquilo que vivemos, mas aquilo em que acreditamos.



Na verdade, se retomássemos a nossa última conversa e pudéssemos partilhar as coisas mais importantes que se passaram nos últimos meses nas nossas vidas, iríamos precisar de uma semana para pôr tudo em dia. E mesmo assim não ia chegar, pois não?

Posso dizer-te que o meu filho cresce à velocidade da luz, que o meu pai está a envelhecer quase ao mesmo ritmo e que trabalho bastante, embora um pouco menos do que nos anos anteriores.

Não faz mal, sou mais feliz assim. Vivo melhor, com maior prazer e intensidade. Isso é que é importante para mim. Há uns anos, quando tentava desesperadamente esquecer-te, dir-te-ia que era feliz porque construía planos para o futuro. *Uma promessa de vida*, como canta Elis Regina em «Águas de Março».

Costumavas sorrir com bonomia quando te dizia que sempre que a vida me dá limões, faço limonadas. Posso dizer-te que já não preciso de as fazer, pois não há em qualquer dos meus gestos o menor traço de amargura. Vivo uma realidade bem diversa da daquela época, em que tudo o que ambicionava era esquecer-te, durante a qual me tornei

especialista em limonadas. O que fiz foi afinal bastante previsível: apanhei a boleia emocional de um homem capaz de mudar a sua vida por mim e forcei-me a acreditar que gostava dele.

Nunca fui boa nem a enganar os outros nem a enganar-me a mim mesma, por isso a farsa durou um ano e depois rebentou. No entanto, se for cem por cento honesta — acredito que a honestidade pode ter graus; a integridade, pelo contrário, ou é integral ou inexistente —, vejo-me obrigada a admitir que desde o início todas as fragilidades estavam lá, bem à vista para quem quisesse ver. E houve quem as tivesse visto imediatamente, como a Ana ou o teu irmão. Eu é que demorei mais tempo.

Isto sou eu no que tenho de pior: teimosa e obtusa para admitir os fatos mais evidentes, sempre que tal não sirva o meu plano previamente traçado.

Apesar de encenar com convicção o meu amor por outro homem, não conseguia parar de pensar em ti. Incapaz de resistir ao impulso que me cercava como um fio de *nylon* à volta do pescoço, dei por mim a escrever-te um *e-mail* em que te dizia que não sabia nada de ti e que entendia que não me quisesse contar se te ias casar, se já sabias o que querias, o que ia acontecer na tua vida.

E continuava, sempre conciliadora, argumentando que, se não me respondesses, não fazia mal. Já aprendera contigo a respeitar o silêncio dos outros. O mais difícil fora aprender a respeitar o teu. A partir daí, tudo se tornou mais fácil.

E porque nunca resisto a tratar-te bem, possuída por uma docilidade já descontrolada, acrescentei que sabia que irias ficar contente com as minhas notícias, que as receberias como um abraço cheio de calor, de muito mimo e de um certo tipo de saudades que nenhum de nós consegue descrever, mas que ambos sabemos como são.

Por fim pedi-te que não me respondesses com aqueles teus *e-mails* educados e palacianos. E arrisquei o meu sossego e a minha paz com uma cartada final quando te desafiei, mais uma vez. «Se te apetecer, telefona-me um dia destes, ou vamos almoçar ou jantar quando vieres a Portugal. Diz-me só que estás bem, que sentes que tens andado para a frente, que estás, como todos nós, a sair do labirinto. Afinal, isso é que é verdadeiramente importante.»

Escrever-te é crucial para mim, sempre foi. Ao longo dos anos transformou-se na minha segunda natureza. Tu conheces-me melhor do que ninguém, sabes como às vezes preciso de desabafar. Sou água que corre descontrolada e sem destino certo e que, por vezes, pensa poder mudar o curso do rio.

Outra vez o monstro a acordar, a mexer-se na imensidão emaranhada do passado, pronto para engolir o tempo e fazer estragos de grande porte.

Dias depois apareceste-me no *messenger*. Fingi que não vi o teu convite para «conversar». Foi a tua forma de me dizeres: li tudo o que me escreveste, também tenho saudades, também penso em ti, também me apetece conversar.

O teu gesto revelava reciprocidade e chegou para me sossegar. Mas não era isso que eu queria, não desta vez. Estivemos seis meses sem falar ao telefone. Senti-me uma heroína, como se tal proeza me colocasse no *Guinness*, tal era o esforço que isso representava. Não queria quebrar o meu silêncio, a não ser de viva voz, em direto, a quatro olhos.

Escrever-te já tinha sido um grande disparate. E como queria saber o que na realidade se passava na tua vida (e, no fundo, não suportava a ideia de a tua existência correr totalmente paralela à minha sem que eu tivesse nela a mais pequena interferência), fiz o que toda a gente faz nestas circunstâncias: peguei no telefone e lancei perguntas ao ar, à espera de respostas.

O que me disseram foi que entretanto voltaras para a tua namorada de sempre, aquela que durante três anos nunca soube da minha existência e com quem tinhas afirmado ter terminado tudo depois da última estada em Portugal, estada durante a qual, após teres entrado na minha casa com uma garrafa de champanhe e de teres passado a noite na cama comigo, aproveitaste para me *informar* que *talvez* a fosses pedir em casamento.

Foi a Ana quem me contou. Encontrara recentemente a tua mãe, que, na sua maneira discreta e delicada de dizer as coisas, comentara que tu estavas a *decidir* a tua vida. Decidir! Saberás tu algum dia conjugar esse verbo? Tu que nunca decidiste nada, que sempre te deixaste ir ao sabor da corrente — outra vez o náufrago, à deriva, sem saber para onde o mar o leva —, enquanto eu tentava mudar o curso das águas, como se ter vontade própria e lutar por aquilo em que se acredita pudesse ser um defeito!

Apesar de reconhecer a tua falta de coragem revelada em tantos avanços e recuos, respirei fundo. Ao menos não te tinhas casado. E por isso desejei-te secretamente boa sorte nas tuas decisões, fossem ou não as mais felizes. Podias sempre voltar atrás. Afinal, é uma das tuas especialidades.

Poucas semanas antes do grande susto, lembro-me de te ter enviado um *e-mail* em que te confidenciava que a vontade indômita que em mim conheceras já não existia; a solidão imposta pelo meu trabalho e a cumulação de desgostos amorosos tinham-me acalmado. Deveria ter usado outro verbo, bem mais adequado: aplacado. Sim, as desilusões do coração deixaram-me sem ânimo, colada à parede, incapaz de me mover, tolhida pelo vazio e por uma sensação de impotência avassaladora, como se a onda se tivesse virado contra mim. Há muito que ela se começara a virar, a partir do dia em que lançaste a primeira pedra para erguer um muro à tua volta, cada vez mais alto, mais opaco e mais espesso, motivado pelo medo absurdo que tantas vezes te domina.

Quando me telefonaste para o hospital no dia em que recebi uma visita inesperada da ceifeira, pediste-me que nunca deixasse de ser como era, porque a minha força transmitia força a todos aqueles que precisavam de mim. Todos eram a minha família, o meu filho, os meus amigos e tu, claro.

Sou e serei sempre um tsunami, não vejo isso nem como uma qualidade nem como um defeito. Trata-se apenas da minha natureza. Já tu, assemelhas-te mais a um lago de águas turvas e paradas.

Talvez seja de uma enorme presunção pensar que me respondeste depois de teres sabido pelo teu irmão que eu estava noiva, ainda antes de ser formalmente pedida em casamento, notícia que não me coibi de lhe contar, pois o objetivo da revelação era não apenas partilhar a minha felicidade com ele, mas também fazer constar-te a novidade. Sei que foi depois de teres dormido comigo e de algumas trocas de e-mails que decidiste terminar tudo, por isso permite-me a veleidade de pensar que o que se passa na minha vida pode, ainda que de forma indireta, influenciar a tua.

Na manhã desastrosa em que me anunciaras a tua intenção de pedir em casamento aquela que durante três anos enganaras comigo, lembro-me de te ter atirado à cara que quem se casava primeiro ainda era eu. No momento, foi apenas a vontade infantil e despeitada de me vingar, sem saber até que ponto tais palavras se revelariam proféticas.

Mais uma vez fui o oráculo de mim mesma. O pedido oficial surgiu algumas semanas depois de ter começado a escrever esta carta. Recebi-o orquestrado em língua estrangeira e acompanhado de um enorme ramo de rosas — mais do mesmo, penso agora —, à beira de um dos mais belos lagos da Europa.

Apesar de ser o primeiro dia de Primavera, um frio invernosos prendia-me os movimentos. E como se não bastasse, o vento cortante não me deixava saborear o momento.

Que sorte rara a de representar o mundo na vida de alguém! Saboreei a sensação única de ter finalmente um homem que me amava acima de todas as coisas, de tal forma e com tal certeza, que me

escolhera para toda a vida. E no entanto... qualquer coisa não estava bem. Senti um nó na garganta que descia até ao estômago. Logo ali, naquele momento de encenada felicidade, não tive a certeza de ser mesmo aquilo que queria. Era claro para mim — e para toda a gente — que eu queria ser amada, desejada, idolatrada, pedida em casamento. Mas estar preparada para viver o sonho transpondo-o para a realidade é diferente. Entre o desejo sonhado e o mesmo desejo concretizado existe um mar de dúvidas.

O meu outro objeto de amor era um homem de família, possuía como *habitat* natural os filhos, uma mulher a seu lado. Não se tratava de um eremita egoísta, como tu. Realizava-se em dar o seu melhor àqueles que amava. Sempre pensei que ele era aquilo a que a minha mãe chama *uma pessoa profundamente boa*.

Enganei-me. Ele não era o que parecia, mas só mais tarde, quando a vida o pôs à prova, é que fui obrigada a abrir os olhos. Acontece que há uma diferença abismal entre ser boa pessoa e fingir que se é boa pessoa. É muito difícil encontrar pessoas verdadeiramente boas. Conheces alguma?

Os homens que conheço são na sua maioria bons; porém, não *profundamente* bons. Ser *profundamente* bom é ser dominado pela integridade. É pensar sempre nos outros. É saber ajudar sem interferir. É acreditar que um grande amor pode apagar todas as fronteiras, derrubar todos os muros e construir uma nova ordem natural das coisas.

Quem me dera ser profundamente boa. Tenho a certeza de que seria uma pessoa mais feliz.

Ele, o grande encenador do bem, fingia-se tão profundamente bom e de tal forma admirável que todos os que o rodeavam se sentiam obrigados a comportar-se de forma exemplar para se colocarem à sua altura. Vi esse esforço ser feito pelos seus pais e irmãos e até pelos filhos, apesar de serem ainda muito pequenos, mas não me apercebi do que se passava; naquela época, eu estava ainda cega com tanta perfeição. Não sabia que a bondade mata, sobretudo se for falsa.

Olhava para ele e não lhe conseguia ver um pingão de fraqueza. A única que possuía era amar-me incondicionalmente e ser louco a ponto de aprender o meu idioma e de estar disposto a mudar a sua vida por mim, pensava eu.

Nunca nada é o que parece, e, portanto, este homem, que eu idealizei numa tentativa *gauche* de te esquecer e que fez tudo para se tornar um ideal aos meus olhos, veio afinal a revelar-se um fraco, quem sabe ainda mais fraco do que tu, porque tu, pelo menos, tens a humildade de assumir as tuas fraquezas, e ele nem isso, coitado. Se não crer em si mesmo é um sinal de fraqueza, de si nunca duvidar é outro, e ainda mais ridículo.

Às vezes não entendia tanta grandeza. Estou mais habituada a dar do que a receber. No entanto, talvez seja mesmo verdade quando se diz que o Universo é um lugar justo e que quem é generoso a dar, recebe sempre em dobro. O amor dele por mim comovia-me todos os

dias, embora com o tempo me começasse a enjoar. Era capaz de escrever na minha língua sem erros; nunca se cansava de me comprar flores e chocolates repetidamente, com o mesmo entusiasmo da primeira vez. Para ele, todos os dias que passávamos um com o outro eram perfeitos só porque estávamos juntos.

Não é fácil um homem aliar inteligência com generosidade. E ainda que possua ambas as qualidades, é raro que reúna também uma terceira, a que distingue as pessoas que valem a pena daquelas que deixamos para trás; essa qualidade, que não se compra, não se treina e não se finge, chama-se integridade. Receio que também não a tenhas. Não te preocupes; a todos nos falha, de vez em quando, mesmo quando representa um valor fundamental. Não somos perfeitos, nunca. Apenas conseguimos por instantes tocar a perfeição. E uma das formas de a tocar é sermos sempre verdadeiros, sempre, sem exceção, sobretudo para nós próprios.



Vá lá, agora faz a pergunta que desde a primeira página tens vontade. Queres saber se o amei e se esse amor por ele teve a mesma dimensão que o amor que ele teve por mim.

A resposta é fácil: amei-o, mas não da mesma maneira. Amei-o com mais medo e mais dúvidas. E sempre que nos separávamos era permanentemente assaltada pela ideia de desistir da relação, por ser tudo árido. É estranho, não é? Sempre gostei de coisas complicadas. Ouviste-me dizer muitas vezes que a minha vida só é fácil quando tenho objetivos difíceis.

Até isso mudou em mim. Depois do susto, passei a ter mais amor por tudo o que flui naturalmente, a paixão por tarefas hercúleas e objetivos homéricos diluíra-se. Mas não era apenas eu que perdera a propensão para grandes feitos. Embora ele os desejasse, movia em seu redor uma energia pesada, que não fluía. Sabes por quê? Porque o desgraçado vivia de tal maneira em esforço para me agradar e para fazer tudo *comme il faut* que se tornava chato, pesado, cansativo. *Boring, terribly boring*, já estou a ouvir-te dizer no teu sotaque de menino de colégio interno inglês.

Aquela forma de ser e de estar colidia com a minha, sobretudo nos últimos anos, em que passei a encarar a vida de uma forma muito mais leve. Comecei a gostar mais de viver o momento, de passear à beira-mar, de sentir o cheiro das flores, de brincar com os cães no meu jardim, de ver filmes enroscada com o meu filho no sofá como dois gatos apaixonados.

Agora olho para trás e sei que o amei porque ele me amava. Quis forçar o meu coração. Mas amor e gratidão não são a mesma coisa, e como tal nunca consegui que ele fosse dono e senhor da minha vida. Em bom rigor, sou obrigada a reconhecer que nunca o amei, embora naquele momento da minha vida tenha sido inevitável viver a ilusão com toda a convicção, entendes o que te quero dizer? Tenho a certeza de que sim, porque também tu já passaste pelo mesmo engodo.

O presente ganhou outra força, outro significado, novos contornos, muito mais belos e poderosos. O futuro ficou onde deve estar: no futuro. Gosto de sonhar que isto ou aquilo vai acontecer. Gosto de imaginar momentos que irão chegar com requintes de cenas cinematográficas, mas já não deposito nessas imagens a mesma energia, a minha carne e o meu sangue, como se da concretização desses sonhos dependesse a minha felicidade.

A felicidade é outra coisa; é estar sentada nesta secretária branca a escrever enquanto o meu filho se diverte lá fora no jardim com os amigos a jogar *ping-pong* e a fazer bombas na piscina. Felicidade é ter olhos e poder ver o azul do mar através da minha bela janela, ouvir o canto tranquilo e conversador dos pássaros e saber que no final da

tarde, antes de o dia terminar e enquanto a Lua já sobe, luminosa e manchada por cima da ponte na outra margem, existe alguém que irá meter a chave à porta, que irá subir as escadas para me abraçar, que me irá contar como correu o seu dia e ouvir-me sobre o meu, e depois sentamo-nos à mesa, jantamos, conversamos e rimos como uma família normal, igual a todas as famílias unidas que ainda resistem às acrobacias emocionais que a existência vai semeando, qual armadilhas para corações mais atreitos a devaneios adolescentes.

A felicidade é aqui e agora, hoje, daqui a um bocado, no último beijo que lhe vou dar antes de adormecer e saber que amanhã, quando acordar, ele vai lá estar, por ele, por mim e para mim. E quando sonho com o que ainda não tenho, a beleza dessas imagens mantém-se, e isso basta-me.

Não tenho medo do futuro, nunca tive, talvez por ter sido educada a esperar o melhor dos outros. Nasci e cresci numa família equilibrada e unida, formada por um casal eternamente apaixonado que sempre se empenhou no futuro dos filhos. Para os meus pais, os filhos sempre foram o maior investimento. Este e outros valores fizeram de mim uma pessoa forte e determinada, e olho para o meu filho da mesma maneira. Ele é o meu projeto mais importante. Não, ele é o meu projeto mais importante depois do meu projeto em ser feliz, em ter ao meu lado uma pessoa com quem possa construir uma vida a dois, feita com essa matéria-prima a que gostamos de chamar felicidade e que não é mais do que a vontade misturada com perseverança, fé e segurança.

O amor não é o que idealizamos, mas antes o que construímos. E a magia de um amor construído reside nos mais pequenos gestos; está em tudo o que fazemos e dizemos. É muito mais fácil de encontrar do que as pessoas imaginam. Para que isso aconteça é preciso que os dois queiram, que os dois acreditem, que os dois consigam olhar para o amor da mesma maneira e para o futuro com os mesmos olhos. E é preciso que tanto um como outro percebam o quanto o amor é importante na existência. É preciso dar espaço ao amor, encontrar-lhe um lugar na nossa vida. E tu nunca soubeste dar esse espaço, encontrar o tal lugar. *Dommage.*

Apaixonamo-nos por aquilo que não conhecemos e amamos aquilo que conhecemos. Eu amei-te na medida em que te conheci, provavelmente melhor do que ninguém — isso nunca te cansaste de repetir —, enquanto tu apenas te apaixonaste por mim.

Acredito agora que na verdade nunca me conheceste. Já eu, que te conheço demasiado bem, amei-te por tudo o que me fizeste sentir, por ser quem era e como era quando estávamos juntos: feliz, um pouco frágil, sonhadora, dócil como nunca fui com qualquer outro homem.

Quando regressaste pela derradeira vez, vinhas atrás do meu corpo, da minha pele, de todos os prazeres com que a memória da carne não parava de te atormentar. Como diz o teu irmão com aquele sorriso sempre um bocadinho triste, como o teu, tu tentas evitar-me, mas depois nunca resistes. Quando vens a Portugal, resistes se não me telefonares, se fingires que eu não existo, ou que fui viajar nesses dias. Porém, a partir do momento em que me procuras, tudo muda: só

queres ver-me, estar comigo, cegas como um besouro junto a um candeeiro de rua, perdes o controlo e voas disparado na minha direção, uma mistura de míssil com *kamikaze*.

O amor altera a ordem das coisas, ainda que seja um amor egoísta e solitário feito de desejo e de luxúria, concentrado num corpo que se deseja possuir. É esse tipo de amor que explode em ti quando sabes que me vais ver e saboreias a sua antecipação como um imperador que se sabe perdido, cercado pelas forças inimigas, ao mesmo tempo que se prepara para o último festim antes da morte. O teu tipo de amor era estéril, imediato, consumia-se a si mesmo como chama ardente, ignorante e arrogante, que nem sequer sabe que o calor mais forte é aquele que provém das cinzas.

Embora me desejes o melhor do mundo e isso seja também uma forma de amor, desconheces o poder construtivo do amor; amar alguém é participar de forma ativa na edificação de uma felicidade comum, possível e palpável, como uma casa ou, melhor ainda, como uma árvore. E tu, meu querido e confuso amigo, nunca te lembraste de regar as sementes que foste acidentalmente deixando cair na terra por onde passas. Ou então regressas ao lugar onde elas cresceram de geração espontânea, e, sem que nunca as tenhas adubado com afeto ou protegido dos ventos da solidão, arrancas-lhes as raízes.

Há pouco tempo, viciada no sossego que me oferece noites sem fim de bom cinema em casa, voltei a ver *O Império do Sol*, de Steven Spielberg. É um filme notável. Comprei-o para mostrar ao meu filho, que tem agora a mesma idade do herói à força — não o somos quase

todos, afinal? —, um rapazinho mimado que foi separado dos pais na Indochina durante a Segunda Guerra Mundial e se viu obrigado a crescer de repente, aprendendo a sobreviver num campo de prisioneiros. Ao lado do campo de prisioneiros há uma pista de treino donde partem aviões japoneses com jovens pilotos pouco mais velhos do que ele para abraçar voluntariamente a morte. Por entre os corajosos suicidas deambula um rapaz de olhar etéreo e aparentemente sem capacidade para pilotar. No final da guerra, quando os americanos chegam ao campo para libertar os prisioneiros, o japonês tenta levantar voo, mas o avião não responde. Então ele chora a sua frustração em terra, como se a dor do seu falhanço fosse mais pesada do que a bomba de Hiroxima que o herói vê refletida no horizonte e que acredita ser a alma de Mrs. Victor a ir para o céu.

Quero ver outra vez o filme com o meu filho abraçado a mim, quero que ele entenda a sorte que tem em viver num país sem guerra e sem fome, quero que entenda como é bom podermos estar sempre juntos e que saiba que, a não ser que a má sorte nos bata à porta um dia, só irá separar-se de mim quando ele assim o entender.

Às vezes julgo que tu és uma mistura destes dois rapazes, o prisioneiro indômito e o japonês sonhador. Foste obrigado a crescer sozinho, mas talvez por isso nunca tenhas conseguido voar; o teu ser vive fechado num labirinto, como aquele que aprisionou Kafka desde criança, vítima do poder do medo e da metamorfose do desamor. Ele nunca se conseguiu libertar de terrível imagem do pai, tu nunca te conseguiste livrar da tristeza da tua adolescência apressada. Também tu foste um herói à força. E portaste-te melhor do que pensas.

Aguentaste-te, nunca desististe. És afinal mais forte do que julgas. E isso é que importa.

Guardarás para sempre, como tesouros sem preço, as recordações perfeitas de uma infância de ouro; a quinta com o tamanho de um país, a casa com as dimensões de um castelo encantado — a sala de jantar era tão grande que o teu pai pedia ao feitor que passasse os melhores cavalos à volta da mesa para impressionar os convidados — os jardins projetados como uma enorme floresta, a tua mãe, loira, altíssima, lindíssima, a brincar com os cães, a guiar todos os dias um carro diferente desde que fosse pequeno e descapotável, enquanto o teu irmão se pavoneava com as echarpes dela a brincar aos príncipes e aos embaixadores. E havia ainda o *Ping* e o *Pong*, os dois gatos siameses, o *Psiquiatra*, outro felino de carácter intrigante e manipulador, sem esquecer o *Necas*, um macaco que catava toda a família, folheava as revistas e te acompanhava em aventuras, subidas às árvores e outras tropelias.

Foste uma criança feliz, o pior veio a seguir.



A casa onde agora moro, na qual me visitas quando vens a Portugal e não resistes a telefonar-me, cumpriu dois objetivos; o primeiro é um sonho de criança que finalmente realizei. O segundo foi uma forma de te dizer o quanto te amava. Pode parecer um disparate aos olhos do mundo, mas a verdade é que, quando a visitei pela primeira vez, conhecera-te havia escassas semanas e, no entanto, com esta capacidade infinita de sonhar alto e de voar mesmo sem asas, associei-a à tua infância. Pensei imediatamente que a poderia resgatar para ti, dar-te essa felicidade numa bandeja, mostrar-te que havia uma segunda vida na terra que tanto amas, mas que o tempo e as vicissitudes te fizeram imaginar como um reino encantado e não um país a sério, onde se pode ter uma vida. Até andei à procura de leões-da-rodésia para que tivesses os cães da tua infância a receberem-te no jardim, nos regressos sonhados de final de tarde, aquele instante mágico em que as mulheres fecham os olhos de prazer ao ouvir o barulho do marido quando este mete a chave na fechadura e entra em casa. Essas mulheres sabem que a partir desse momento nada de mal lhes poderá acontecer, que estão protegidas dos ladrões, dos vizinhos psicopatas, das visitas indesejadas.

Sonhei com esse momento durante três longos anos, mesmo quando me tentava convencer de que já não pensava nisso. Fui mais teimosa do que alguma vez tu ou eu imaginamos possível. E só desisti quando finalmente aceitei que o homem que dorme comigo e no dia seguinte me diz que se vai casar com outra não pode ser o mesmo homem que sonhei ter ao meu lado. Não merece o meu amor. Aqueles que merecem as tuas lágrimas são os que nunca te fariam chorar. E foi assim que te fechei o meu coração hospedeiro, para sempre, acredito.

Durante os últimos dois anos, aqueles que anunciavam a tua ausência permanente na minha vida, comecei a emburrar com a casa; sentia-me só e perdida dentro dela. Fiz contas e percebi que o meu sonho custava caro; as faturas mensais, a manutenção, os cães, a empregada, o sistema de alarme, os seguros, as despesas inesperadas, os vizinhos difíceis. Esta casa foi comprada para cumprir um sonho pessoal que se completava com a imagem de uma família reconstruída; mais crianças deveriam correr pelas suas salas e descer pelas suas escadas. Não é o melhor lugar para uma mulher e uma criança viverem sozinhas.

A vida não me trouxe mais filhos, mas sempre que o riso e os passos de outras crianças enchem a casa, sinto que valeu a pena o investimento, o esforço, o sonho.

Vale sempre a pena sonhar, o pior é não conseguir fazê-lo. Isso é que deve doer mais fundo, ainda mais fundo do que ser obrigada a desistir de um sonho quando o estrondo de levar com a porta na cara silencia todos os desejos e gela todas as divisões. Há poucos meses

disseste-me que estiveste muito mais perto de cumprir o meu sonho do que alguma vez eu imaginara; que quando olhavas para o futuro conseguias vê-lo comigo, mas o medo de falhar fora sempre mais forte. Senti um alívio inesperado ao ouvir tal confissão; afinal eu não enlouquecera de amor por ti a ponto de inventar cenários impossíveis; também desejas e imaginaras a tua vida comigo. O consolo é magro, sei-o bem; porém, sinto nele um forte sentido de justiça, semelhante ao de um preso injustamente condenado a quem é concedida a liberdade anos mais tarde. No amor, mais do que na vida, a justiça quase sempre tarda mas quase nunca falha.

Pensei chamar a este livro a última carta, não porque seja esta a última vez que te escrevo, mas porque marca uma ruptura, e eu preciso de rupturas para manter o equilíbrio. Não tenho qualquer veleidade em pensar que dela poderei retirar alguma utilidade, a não ser para mim própria. Pelo contrário, sei que esta carta é inútil, como o foi a outra que te escrevi, imbuída de uma paixão infantil, quase constrangedora; em vez de te ganhar o coração, perdi-te para sempre. A dimensão pública do meu amor por ti matou a tua vontade e o medo tomou conta do teu coração para sempre.

Há pessoas que entram em pânico quando são obrigadas a lidar com a realidade das relações amorosas, e tu és uma delas. O teu labirinto não te permite deixar que aqueles que te amam se aproximem mais do que aquilo que consideras seguro para ti. És um eremita por natureza e por escolha própria. E acredita que sei que, no fundo, até és feliz, ou pelo menos vives momentos de grande

tranquilidade, sozinho, habituado apenas à tua presença, ao teu cheiro, aos armários cheios com a tua roupa. Precisas tão desesperadamente de silêncio como eu de palavras. Por estes e outros motivos, vou-me apercebendo cada vez mais de que somos — ou estamos — diferentes. O teu medo quase letal perante a viabilidade da nossa relação assustou-te de tal forma que me fechaste a porta na cara várias vezes, embora depois não resistisses a voltar. Agora sou eu que não resisto a fechar-ta na cara, com toda a força que tenho e com toda a veemência que sinto. Quando batemos com a porta, também é para nós. Precisamos que se abata sobre a nossa consciência esse estrondo final, como qualquer coisa de grandioso que se quebra, um enorme edifício que implode.

É fundamental bater com a porta, e com quanto mais força, melhor, principalmente se já levamos com ela na cara.

Mais uma vez o outro se revelou o teu oposto; foi a partir do momento em que se apercebeu da viabilidade do nosso amor que nunca mais baixou os braços nem deixou de sonhar, de planear, de lutar para o tornar possível. Para ele, a distância, as contingências profissionais, a barreira da língua, os filhos, eram apenas aspectos diferentes de um todo que ele ia moldando à luz da sua vontade, porque era essa a força que o comandava e que reinava sobre todas as coisas.

Era um racionalista obsessivo que acreditava sem reservas no poder da vontade, e, ao mesmo tempo, um sonhador incorrigível. E era justamente aí que residiam toda a sua força e toda a sua magia.

Já o escrevi tantas vezes, mas penso que nunca é demais repeti-lo, o amor não existe, existem provas de amor, e ele sabia como dar-me essas provas todos os dias. Eu é que não as queria aceitar, porque

sabia que nunca o amaria da mesma forma, por mais que me forçasse a isso.

Nunca se deve forçar o coração. Deves treiná-lo porque é um músculo e precisa de exercício. No entanto, não podemos esquecer que dentro do coração está a tua alma e ninguém, nem mesmo tu próprio, lhe deve tocar.

Mesmo assim, o amor que ele tinha por mim foi uma boa panaceia e cumpriu o seu papel enquanto foi tempo para tal; deixava-me num estado de profundo bem-estar. Ele possuía o dom de me fazer feliz, aparentemente sem qualquer esforço. Nasceu para ser um bom namorado, um pai perfeito, um marido ideal. Tive muita sorte quando ele se deixou escolher por mim e acreditou que juntos, apesar da distância e das circunstâncias, podíamos chegar mais longe. Acreditou em mim como tu nunca acreditaste e acreditou nele como tu nunca conseguirás acreditar em ti próprio.

Durante os meses que estive com ele, tinha muitas saudades quando éramos obrigados a passar semanas afastados. Às vezes chegava a sentir que me provocavam dor física. Não te vou negar que também desenvolvi por ele uma espécie de dependência amorosa, quem sabe se por profunda empatia, em resposta à paixão avassaladora que nutria por mim. Sempre fui boa em jogos de espelhos. Outras vezes, o meu lado racional e pragmático sobrepunha-se à paixão e ficava mais desligada. Almoçava e jantava com outros homens que demonstravam interesse por mim sempre que me apetecia e, se a companhia deles me agradava, não me coibia de repetir os bons

momentos que me proporcionavam. Nunca o enganei fisicamente, mas no fundo permitia outras presenças masculinas na minha vida.

A verdade é que houve pelo menos dois homens com quem me relacionei durante alguns meses de forma suficientemente inconsequente para não sentir culpa, mas suficientemente intensa para ter sonhos eróticos com eles, ou discussões acaloradas, como se tivéssemos um caso, bem como outros arrufos de quem tem com o outro, ainda que o negue, algum envolvimento. São tênues e enganadoras as linhas que separam a traição do resto do mundo.

Em vão dizia a mim mesma que distância não é ausência, sabendo que me agarrava a esse chavão como um naufrago a uma boia vazia.

Talvez ele sentisse isso, porque tentava saber, ainda que de uma forma sutil, todos os dias, a que horas eu chegava a casa. Apesar de estar longe, nunca perdia o contato comigo. Ele nunca quis desistir, eu é que não lhe dei alternativa.

A vontade é o avesso do medo. Só um ou outro comandam o mundo. Quantas guerras não começaram por medo? Quantas batalhas não se venceram pela força da vontade?

A força da vontade, que também responde por força de vontade, é algo que só conheces no trabalho, no estrito cumprimento dos teus deveres profissionais e familiares. Onde está a tua vontade mais profunda? Onde se escondem e como são os teus desejos mais escondidos? O que queres verdadeiramente da tua vida? Ninguém pode responder a estas questões senão tu próprio. Para isso, seria necessário conheceres as respostas.

O prazer é irmão do sofrimento, pois também ele priva o homem das suas faculdades. O prazer que sempre projetaste em mim, na minha imagem, no meu corpo, nas noites que passamos juntos, tolda-te o espírito, vicia-te a vontade; a simples ideia de poderes voltar a estar comigo cega-te. Já eu, ao longo destes últimos anos, alimentei o sofrimento; por te amar tanto sem ser correspondida, perdi muitos dias a matutar nessa enorme injustiça, uma vez que sempre me deste sinais ambíguos e contraditórios. E cada vez que nos separávamos, eu perdia a faculdade da eloquência. Ficava bloqueada pela tristeza, esmagada por ela, sem reação, como um animal capturado que nem consegue imaginar qual será a sua sorte.

Não falo contigo há meses. Não ouvimos a voz um do outro, não nos escrevemos, nem sequer trocamos mensagens como sempre fizemos. Na passagem do ano, não resisti e enviei-te uma mensagem a desejar-te, do fundo do coração, um ano novo com tudo o que sonhaste e mereces. Penso que mereces pouco, porque acredito que merecemos na medida daquilo que damos aos outros, e tu não és bom a dar.

Mesmo assim, quero — e quererei sempre — o melhor para ti. Que sejas feliz. Que encontres paz e bem-estar. Que consigas realizar os teus sonhos. Que chegues mais longe do que imaginas. Que envelheças com graça e leveza e que a vida te seja fácil, generosa e grata.

Amar alguém é querer o melhor para essa pessoa. Amar é sonhar, é proteger, é dar a mão quando é preciso e soltá-la quando assim tem de

ser. Por mais que nos custe. É assim que devemos amar os nossos filhos, foi assim que eu aprendi a amar os homens.



O tempo foi diluindo a tua presença na minha vida.

Quem sabe um dia também dissolva a tua imagem da minha memória e eu consiga finalmente esquecer-me de ti. Não é o que quero; porém, era o que deveria fazer. Nunca somos os donos do nosso coração. O meu não é meu, porque quando amo profundamente estou a dá-lo a outra pessoa, tal como Salomé quando reclamou a cabeça de São João Batista.

Quando amamos alguém, não perdemos só a cabeça, perdemos também o nosso coração. Ele salta para fora do peito e depois, quando volta, já não é o mesmo, é outro, com cicatrizes novas. Às vezes volta maior, se o amor foi feliz; outras, regressa feito numa bola de trapos, é preciso reconstruí-lo com paciência, dedicação e muito amor-próprio. E outras vezes não volta. Fica do outro lado da vida, na vida de quem não quis ficar ao nosso lado.

À medida que os meses passavam, sentia o meu coração a fortalecer-se. Cheguei a pensar que já não te amava. Sabia que não te

tinha esquecido, que provavelmente isso nunca aconteceria, mas o teu lugar na minha vida era agora outro. A pouco e pouco, de uma forma natural e tranquila, foste-te arrumando dentro de mim. Até ao dia em que o destino me fez tropeçar em ti outra vez, em pleno Chiado, num final de tarde cheio de luz, daquela luz de Lisboa que não brilha em mais nenhuma cidade.

Acreditas se te disser que, apenas alguns instantes antes de me cruzar contigo, tive a percepção clara da tua presença? Não foi a primeira vez que soube que estavas em Lisboa sem me dizeres. Ao longo de todos estes anos adivinhei várias vezes a tua chegada. E esta não terá sido com certeza a última vez.

Tinha ido às compras, a Primavera anunciava-se em suaves ondas de calor, e eu decidira sentar-me numa das esplanadas da Rua do Carmo para beber um refresco, talvez um mazagrín, em memória da minha querida avó materna, que me ensinou a ser coquette e a fazer compras no Chiado.

No momento em que acabara de me sentar a uma das mesas da esplanada vi-te ainda ao longe, ligeiramente absorto, com o teu passo hesitante, a descer na minha direção. Cerrei os dentes e engoli em seco. Felizmente já me encontrava sentada, porque as pernas perderam força e os pés não conseguiam mover-se. Senti a palma das mãos pregada aos braços da cadeira. A minha garganta secou de repente, um arrepio profundo subiu-me pela espinha e morreu devagar na nuca, onde se transformou em calor, um calor imenso e incontrolável que deu a volta à cabeça e se espalhou por todos os poros da minha cara.

Tu só me viste quando já estavas muito perto. Ias de óculos escuros, sem lentes de contato, és míope e distraído, mas mesmo assim deste pela minha presença a alguns metros, porque senti o teu passo a desacelerar, como uma cena filmada em câmara lenta. Não podia ver-te os olhos. Contudo, conheço bem todos os movimentos da tua testa, da tua boca, das tuas mãos. Paraste à minha frente como uma estátua que aprende a sorrir de repente. Sorrias muito, e eu vi os olhos a brilhar atrás das lentes dos Ray-Ban de aviador, que te ficam a matar.

Abraçamo-nos nem sei durante quanto tempo, só sei que tudo parou ali mesmo, outra vez, mais uma vez. De repente estávamos de novo sozinhos, entregues um ao outro, o mundo era um outro lugar, como no dia em que nos conhecemos.

Fechei os olhos quando a minha cara se encostou à tua e voltei a sentir o cheiro a alfazema seca da tua pele clara e lisa, o mesmo de sempre.

A vida é um eterno regresso a casa, a questão é que nunca sabes quando voltas. Naquele momento senti que voltara de novo a casa.

— Vamos beber alguma coisa, tens tempo? — perguntei.

— Claro que tenho tempo — respondeste —, para ti tenho sempre tempo. E ainda que não tivesse, inventava-o.

Tu e o teu charme compulsivo. É mais forte do que tu. E é sincero, por isso é que me desarma.

Não sei quantas horas ficamos a conversar. A tarde punha-se devagar, ao mesmo tempo que a Lua já subia, cheia como uma laranja. Está lua cheia há demasiados dias, pensei. Quando olhamos para fora do nosso mundo, a esplanada encontrava-se quase vazia e a Lua já subira dois palmos.

— *Queres jantar? — perguntaste a medo —, isto é, se não tiveres nada combinado.*

Era quarta-feira. Há muito que me habituei a reservar esse dia da semana só para mim.

— *Quero — respondi —, quero o que tu quiseses.*

Nesse instante senti que não poderia haver nada mais importante do que estar contigo. Mesmo assim, para não ir para fora de pé, lembro-me que decidi ingenuamente não cair nos teus braços, acontecesse o que acontecesse.

Passamos um serão extraordinário, os dois mergulhados num estado de felicidade total, a conversar e a rir como velhos amigos que, no fundo, também somos. Pensei que estaria a salvo se não dormisse contigo, mas fui tão estúpida que nem sequer me lembrei de fechar o coração. Depois de cinco horas de conversa, regresssei a casa a pairar.

Era já demasiado tarde, tu tinhas outra vez e mais uma vez invadido o meu coração. Pouco ou nada importava que o toque físico se tivesse limitado a festas no cabelo e abraços sentidos e castos; o meu peito ardia por ti, o meu espírito sonhava contigo, todos os meus poros respiravam a tua pele. Tu estavas outra vez dentro de mim. Simplesmente estavas, porque não eras uma situação na minha vida, antes um estado. Em apenas algumas horas a minha vida ficou em estado de sítio.

Quando ele chegou no dia seguinte, já só pensava em ti. Ainda acreditei que conseguia separar as águas, que tu eras o meu amor impossível e que ele era o possível. Eu sabia que ninguém pode amar

verdadeiramente duas pessoas ao mesmo tempo, não de uma forma total e conjugal como eu te amara. Mesmo assim, fingi, e fingi bem. Não me restava outra alternativa.

Os dias seguintes foram longos e penosos. Tive medo de me cruzar acidentalmente contigo. Tive medo de pronunciar o teu nome enquanto dormia. Imaginava que a presença constante da tua imagem no meu pensamento ganhava a visibilidade de um enorme holograma projetado na parede. Nos momentos de intimidade, a tua presença tornava-se ainda mais nítida; quase podia ver-te a olhares para mim, era horrível. Evitei encontros com amigos comuns, escolhi locais alternativos aos da minha rotina e da tua, e tentei em vão fingir que não estavas por perto. Antes de me despedir, confidenciara-te que ele me viria visitar nesse fim de semana, mesmo assim, tentaste falar comigo várias vezes. O telemóvel em modo silêncio não me denunciou, mas o simples fato de ver o teu nome nas chamadas não atendidas provocava-me um enorme mal-estar.

Comecei a olhar para ele de outra maneira. Sabes como é, quando uma pessoa já não vê o outro com o encanto inicial, já deves ter com certeza passado por isso, toda a gente viveu momentos assim, de descrença e de estranheza em relação a alguém que amou ou pensou amar.

Não sou mística nem tenho a mania das energias, mas eu olhava para ele e via uma sombra cinzenta pairar ao seu redor; a pele parecia-me agora baça, também ela com laivos de cinzento. O nariz afigurava-se-me feio, mesquinho, e reparei que tinha uma papada no pescoço. O

seu desvelo em agradar-me e a sua obsessão por mim pioravam tudo, deixando-me exausta; além de excessivo, tudo aquilo começou a soar-me falso.

Ele irritava-me nos mais pequenos gestos; demorava muito tempo a tomar duche; enquanto se preparava para irmos jantar olhava para mim com cara de cão e perguntava na língua dele: *levas-me assim vestido?* Dócil e ridículo, como se todos os seus gestos e decisões dependessem da minha aprovação.

O pior eram as horas passadas à mesa, em casa, ou nos restaurantes; assim que a comida chegava dizia *bon appétit*, apesar de eu já lhe ter explicado não sei quantas vezes que em Portugal é piroso dizê-lo; pegava no garfo e na faca com os dedos enrolados, o que o fazia erguer os braços longos e magros a alturas pouco recomendáveis para quem foi educada nas grilhetas das mais estritas boas maneiras à mesa. Parecia um corvo feio e desajeitado. Nunca vi um corvo comer de garfo e faca, mas era assim que o via. Sim, as refeições eram de fato um martírio de tal forma penoso que me tirava a fome, e por isso muitas vezes limitava-me a pedir apenas uma sopa ou uma entrada. Não conseguia desfocar-me de tudo o que me desagradava. A imagem repetida à exaustão dos gestos que me desagradavam perseguia-me mesmo depois de a refeição terminar. A conversa não fluía, e tenho a certeza de que ele pressentia que qualquer coisa estava errada.

O pior cego é aquele que não quer ver. O desgraçado nem seria capaz de admitir que a mulher por quem ele mudara a sua vida afinal não o amava.

Em português não se emprega o verbo *desgostar* com a mesma facilidade e intensidade com que se usa, em inglês, *to dislike*. Apenas

usamos e abusamos do substantivo desgosto, esquecendo que para que este ocorra é necessário ter existido uma ação que o provocou, que nos roubou aquele gosto. E foi exatamente isso que aconteceu. Não consigo encontrar outra palavra que exprima de forma tão exata o que senti. É quase impossível existir rigor na definição de um sentimento, mas desta vez eu sabia exatamente o que sentia. Estava a começar a detestá-lo, como quem enjoa um petisco. O encanto quebrara-se seis meses depois de o ter conhecido. Às doze badaladas, a carruagem transformara-se em abóbora, e os cavalos em ratos, as sedas em trapos. Aquele homem que eu pensara amar e que me pedira em casamento à beira do lago perdera o seu poder sobre mim. O que eu tinha à minha frente era um parolo de uma cidade provinciana e escura do Centro da Europa mascarado de intelectual viajado, que pensava que era porque usava camisas pretas, e que pegava nos talheres com a mesma delicadeza de um agricultor siberiano.

Hoje olho para trás e não sinto nada. Nada vezes nada. Apenas uma sensação de náusea muito vaga e a certeza absoluta de que nunca teria suportado a sua presença na minha vida. E tudo porque te voltei a ver.

Percebes agora como eu estava ainda frágil e vulnerável, a ponto de pôr tudo em causa por uma ilusão perdida, por um sonho que teimosamente carreguei dentro do peito e que não tinha retorno do teu lado? Era a ti que eu amava, ainda e sempre ao fim de quase quatro anos de ilusões e desenganos. E o pior era saber que, apesar de todas as patifarias que me fizeras, não só não te conseguia esquecer

como continuava a dar-te o meu coração, inteiro, todo só para ti. Aquele homem que me amava loucamente e que seria capaz de ir até ao fim do mundo por mim tornara-se um estranho na minha vida.

Mesmo assim, demorei mais de seis meses a ver-me livre dele. No início de todo este processo complexo e traiçoeiro não me apercebi da realidade. As minhas amigas, o Miguel e o teu irmão iam-me dizendo: «Tu não gostas dele, salta à vista, e toda a gente já percebeu, só tu é que não.» Fingia ainda e sempre que gostava. Já não me atrevia a dizer que o amava, porque sabia que isso não era verdade. «Decidira» que gostava dele, desistir de um projeto de vida para o meu coração parecia-me uma infantilidade, um capricho, uma incongruência.

Fui muito cruel e também covarde, devia ter terminado com aquela farsa imediatamente. Aquela forma de gostar era um misto de pena com menosprezo. Eu limitava-me a suportar a sua presença porque sabia que em poucos dias ele regressaria ao seu país. E foi o que aconteceu. Quatro dias depois, ele era obrigado a voltar por causa dos filhos e do trabalho, e eu usei o excesso de trabalho do meu lado como desculpa para não ter de voltar à sua cidade.

Só regresssei a esse lugar escuro que tanto detestava muito mais tarde, para ir buscar o pouco que deixara para trás. Antes, veio o Verão de todas as dúvidas e foi durante os meses de maior calor que tudo se desmoronou.

Até lá, ainda tentei aguentar-me como um equilibrista que teima em cruzar o arame sem vara. E, tal como é previsível, acabei por me estatelar na arena. Sem rede. É mesmo assim, quem semeia ventos,

colhe tempestades. O tsunami virava-se agora, mais uma vez, contra mim.



No mesmo dia em que ele partiu, não resisti a telefonar-te. Era domingo e calculei que estivesses em casa a seguir ao jantar. Atendeste o telefone com a voz fechada. Conheço demasiado bem a tua voz quando regressas ao labirinto do qual não queres nem sair, nem ser incomodado.

Aqueles dias em Lisboa sem me veres, sabendo que eu estava nos braços de outro homem, devem ter dado cabo de ti. O tom com que me respondias era de uma tristeza imensa, aquela mesma tristeza que deve ter existido antes de Deus ter criado o mundo, porque eu tentava encontrar o fim de tanta escuridão e não o conseguia ver.

Mais uma vez abri-te a minha alma. Confessei-te sem vergonha nem pudor que passara todos aqueles dias a pensar em ti, em nós, em tudo o que poderíamos ter sido e o que poderíamos ainda ser: o casal perfeito. Então respondeste-me que tudo isso teria sido possível se o medo não comandasse a tua vida. Tu amaras-me muito, mas a distância, as circunstâncias e ainda e sempre o medo haviam-te impedido de agarrar o sonho pelo qual eu continuava inutilmente a lutar.

Pediste-me que deixasse de pensar em ti, que não te odiasses por todo o mal que me causaras. Falaste sempre no pretérito perfeito, porque, para ti, há muito que tudo terminara. E aquele serão de quarta-feira não tinha sido mais do que o reencontro de duas almas gêmeas que buscam conforto e paz uma na outra porque se sabem iguais como duas gotas de água, mas que tudo isso pertencia ao reino do passado. O nosso amor fora belo, sim, fora grandioso e perfeito; porém, para ti, já morrera havia algum tempo, por não ser possível. E nem sequer fizeras como eu, nem sequer procuraras o consolo fácil na encenação torpe de um amor de substituição. Tu não tinhas ninguém, simplesmente já não me amavas. E se eu encontrara um homem que me amava e me dava tudo aquilo que tu não foras capaz, então eu devia aproveitar o que a vida me oferecia e dedicar-me a esse amor. Eu não sentia convicção nas tuas palavras, mas a mensagem era clara: tu querias ver-te livre de mim.

Comecei outra vez a chorar. O tom revelava-se sombrio, agora já bem diferente da voz colocada de embaixador que usas sempre que inicias uma conversa que sabes, à partida, que te pode incomodar.

Chorei por sentir que os anos passam e muito pouca coisa muda; tudo o que é realmente importante mantém-se; a minha esperança ressuscitada e inútil, o teu medo, o teu egoísmo repetido em incontáveis desatenções, a tua indiferença, que é a forma mais cruel do desamor. E foi então que me disseste que eu tinha sido uma grande paixão, a pessoa mais importante da tua vida, que ninguém te conhecia tão bem como eu e te amara de forma tão maravilhosa e brutal, mas que isso pertencia a um lugar que já não existia e tu querias andar para a frente.

Afinal, gastaras três anos a negar o que sempre me parecera evidente, e só agora, convicto de que esses sentimentos estavam arquivados no teu passado, falavas deles sem pudor ou máscaras. E, no entanto, durante todo o tempo que eu te metia medo, também negaras esse amor porque vivíamos longe, porque não te sentias preparado, porque deixaste que se levantasse entre nós um muro de impossibilidades, mesmo para mim, que não acredito em coisas impossíveis.

Agora é fácil, pensei. Agora que tudo acabou, é fácil olhar para o passado e ver nele uma história de amor bela, impossível e platônica, alimentada pela minha vontade férrea, assassinada pelo teu medo devorador.

As minhas lágrimas ouviram-se do outro lado do mar. Tu também me conheces bem, também sabes o que sinto à menor inflexão da minha voz. Nunca disfarcei a tristeza contigo. Tentei rir-me da situação, queria que tudo fosse mais leve para ti, porque não gosto de inculpar culpa, e sobretudo para mim, porque já sofri por ti tudo o que tinha a sofrer; disse-te que ao menos não estava a ter um ataque de hipotermia como já acontecera antes, numa tarde de Junho em que me vieste visitar. Eu chorava, mas sabia que as minhas lágrimas eram apenas um desabafo, uma forma eficaz de limpar de vez o que restava do meu amor por ti. Estas lágrimas serviam para lavar a minha alma definitivamente e livrar-me assim, para todo o sempre, da tua presença e da tua imagem.

Perguntaste-me como é que uma pessoa deixava todas as relações a meio e de que forma se devia relacionar com as mulheres que fizeram, de uma forma mais ou menos séria e intensa, parte da sua vida. Falando de ti próprio na terceira pessoa, demasiado cobarde para seres direto, estavas mais uma vez a pedir-me chaves, respostas, soluções. Tu, que és uma professora da vida e que estás tão à frente de todas as outras pessoas, que és uma pioneira do conhecimento e dos caminhos sinuosos da alma humana, explica-me o que posso fazer, perguntaste.

Respondi-te que isso dependia do tipo de relação que querias manter com essas mulheres. Tu não sabes fechar portas nem recusar o amor que te dão porque tens um défice de atenção desde pequeno; primeiro, porque eras o mais novo, o mais frágil, o que ficava em segundo plano para o teu pai; depois, porque partiste a perna e passaste seis meses sem andar. Anos mais tarde, os teus amigos mais velhos passaram um Verão inteiro a convencer-te de que a tua pilinha era de leite e que ia cair, e depois foste mandado para a Inglaterra e entregue ao desconhecido.

O défice de amor e de atenção durante essa fase tão delicada e frágil que é o início da adolescência nunca foi repostos. E além disso herdaste do teu pai o gosto perverso por uma poligamia escondida, como se amar as mulheres não passasse de um jogo tão divertido como entrar em diferentes partidas de xadrez em simultâneo. O teu ar angélico e puro faz com que te associem à tua mãe, ela, sim, pura e angélica de aspecto e de coração, esconde a tua verdadeira índole. Serás parecido com o teu pai? Se assim for, e a minha assunção estiver correta, é de uma profunda ironia, porque o teu irmão, que é

fisicamente igual ao teu pai, foi quem herdou o coração de ouro da tua mãe e a sua infinita paciência para aqueles que ama.

Quando olhares para mim, é o Diabo que tens de ver, remataste com grande convicção. Já me tinhas dito o mesmo pouco tempo depois de nos termos conhecido, mas nunca quis acreditar. Sempre senti entre nós aquele véu de pureza e de esperança que apenas os grandes amores têm a sorte de alcançar. Esse véu manteve-se sempre, ou afinal nunca existiu?

Talvez tenhas tido sempre razão. O pior surdo é aquele que não quer ouvir.

Ao menos reconheces que não és bom comigo, embora isso não traga conforto a ninguém. Um diabo com cara de anjo, um lobo com pele de carneiro, ou apenas alguém perdido para sempre dentro uma imensa armadilha.

Não demorei muito tempo a perceber que nunca irias sair da espiral, porque vives num labirinto. Não és o único, a cada ser humano estão destinados os seus próprios enleios. O que nos distingue uns dos outros é, por um lado, a vontade — ou a capacidade — de sair dele e, por outro, a dimensão e a complexidade dos mesmos. Foi quando me senti apanhada pelo caos impossível de resolver que era o meu amor incondicional por ti, apesar de todas as provas de desamor inequívocas que me foste dando, que olhei para o lado e vi até que ponto o teu era maior.

É a real dimensão das franquezas alheias que nos faz entender as nossas. É certo que vivi muito tempo perdida num labirinto em que a tua imagem a cada esquina me baralhava as saídas, mas isso já não é assim; alguém fez cair todos os muros, o meu universo voltara a abrir-

se. Com ele, era como se tivesse começado uma nova vida. O teu aparecimento fugaz e fortuito não fora mais do que uma chamada à minha antiga realidade, na qual projetei de forma solitária um amor impossível.

Há lugares aonde nunca mais quero voltar, e esse é um deles: noites a fio sozinha em casa a fumar charros e a ver filmes, roída de saudades dos momentos que passamos juntos, a minha pele ainda de ressaca da tua, o teu silêncio a atravessar-me os dias como uma lança que nunca mais acabava, e eu desligada do mundo e de quase todas as suas alegrias porque me entregara a um amor irrealizável e absurdo que só servia para me alimentar a veia literária.

Poucos sabem que muitas vezes aquilo que nos alimenta também nos mata. O meu amor louco por ti matou muitas coisas em mim.

Disse-te ainda muito mais, embora não tudo o que precisavas de ouvir. Apenas o suficiente para me dares mais uma vez razão, concordar que acertava em tudo — como sempre — e que tão sábias palavras eram como pregos no teu caixão. A verdade atirou-te para a valeta, não foi? Quando nos habituamos a agir sem integridade, a verdade pode tornar-se uma arma letal, e enfrentá-la é quase como desafiar a morte. Foi então que te falei no livre-arbítrio, essa milagrosa capacidade do ser humano em escolher aquilo que quer para si e de mudar para melhor. Pedi-te que usasses a integridade, esse princípio abençoado que rege a conduta dos livres, e que também se treina. Pedi-te que te socorresses dela, que te entregasses de alma e coração à próxima mulher por quem te apaixonasses, para dares a ti próprio uma oportunidade de experimentar uma nova existência.

A tua voz ia ficando cada vez mais tênue e apagada. No entanto, tenho a certeza de que ouviste as minhas palavras e captaste delas todo o seu sentido. Sabes ouvir-me. Não sabes é ouvir o teu coração, nunca soubeste.

É quando já não esperamos nada das pessoas que elas morrem no nosso coração, lembras-te? Mas agora é diferente. Agora já não espero nada de ti. Sabes por quê? Porque não tens nada para dar. Nem a mim, nem a ninguém. Há muito tempo que o teu coração se fechou para o amor incondicional. Talvez os filhos, se os tiveres, te consigam resgatar da ratoeira em que vives. Mas não as mulheres. Nem eu, nem outras. Não alcançamos esse poder, porque tu não possuis o dom da entrega. É um dom, sabias? Pode ser uma fraqueza, mas é, acima de tudo, um dom divino. O dom da entrega, o dom da partilha, o dom da vontade, todos ligados como irmãos da generosidade. Palavras que possuem para ti algum mistério, talvez porque, infelizmente, não me parece que já as tenhas vivido debaixo da pele. Saberás encená-las com graça e mestria, como qualquer sedutor profissional. Poderás até sentir que as estás a viver, mas será apenas uma ilusão, porque de novo voltas ao teu casulo, ao teu labirinto perdido, onde reinam a ordem e a frieza controladas de quem governa a realidade sozinho, sem admitir que outro alguém possa fazer parte dela.

Provavelmente já nada te conseguirá mudar. Viverás sempre assim, escondido de ti próprio, usando o bom coração das mulheres que te forem amando, alugando-lhes amor e tempo em troca de promessas dúbias e declarações ambíguas, aguentando-te o melhor que conseguires num charco de equívocos e meias verdades. Nem sequer és imoral, és só amoral. E, ainda pior do que seres amoral, sou obrigada a

reconhecer que não tens caráter. Não é que tenhas mau caráter, vê se me entendes; simplesmente és desprovido dele.

Lembro ainda, como se tivesse sido ontem, a tarde de Junho em que te abri mais uma vez o coração, talvez por saber que já te perdera.

Nessa tarde interminável disse-te que me apaixonei por ti no dia em que te conheci. Que senti que ias ser muito importante na minha vida e que podia mudar a tua. Só acertei na primeira parte das minhas previsões. A minha intuição falhou ao medir o poder real que o meu amor em ti surtia; fugiste dele sempre a olhar para trás, sem nunca teres a certeza de que era mesmo isso que querias, e eu fui esperando, debaixo do mar, dentro da barriga da baleia, onde faço fogueiras de erva para me aquecer e recorro a uma vasta biblioteca para matar o tempo.

Nunca ninguém se apaixonou por mim assim, desabafaste, sentado no sofá com aquele teu ar de derrotado, vagamente melodramático e encantador, porque é sincero.

Senti que o meu amor incondicional e arrebatador te pesava. E percebi também que tinhas medo dele, como quem tem medo da erosão de um vulcão, uma força imensa que sobe das entranhas da terra para inundar o planeta de fogo, lava e destruição.

*Il faut savoir encore sourire, quand le meilleur s'est retiré, cantava o Aznavour, depois de se lamentar que *c'est triste Venise, au temps des amours morts*. Todas as cidades são tristes quando o amor acaba, sobretudo as mais românticas.*

Pelo meio, numa música do filme Jean et Jacques, declamaste o diálogo do início do filme, uma bela e profunda declaração de amor cujas palavras tive pena de não conseguir decorar. Mais uma vez me ensinavas coisas que não conhecia, me mostravas segredos e encantos, e fiquei quieta a ouvir-te como se estivesse no cinema, enquanto me olhavas e imaginavas a minha imagem de branco numa fotografia; a curva das minhas pernas, o leve arquear dos dedos dos pés, as mãos escondidas nos braços cruzados, o pescoço esticado e longo, o olhar perdido e a boca entreaberta de fascínio, prazer e espanto.

E porque senti que estava tudo a perder-se, mais uma vez te abri o coração e deixei-me ir, sem pensar no peso das minhas palavras. Ninguém me vê como tu, ninguém te vê como eu. Há um encanto só nosso que nos faz pairar por cima de todas as coisas sempre que estamos juntos. Há um cuidado e uma estima em relação ao outro que fizeram com que nos mantivéssemos sempre próximos, apesar da distância. E a forma como tu gostas do meu filho desarma-te aos meus olhos e atenua todos os teus defeitos. Ao almoço admitiste que gostavas tanto dele e sentias por ele tanto orgulho, que, se um dia tivesses filhos, gostavas que fossem parecidos. Não pude deixar de te responder que, se escolhesses a mesma mãe, as probabilidades aumentavam substancialmente.

Tu sorriste e concordaste, mas não disseste nada.

Nem disfarcei o tom sarcástico que se cola à minha voz sempre que tenho coisas importantes para te dizer, embora pressinta que muitas vezes não as queiras ouvir.

Não foste educado para falar de coisas sérias, embora a tua natureza contrarie o estado de leveza em que passaste a tua infância.

Isso faz que fales com profundidade das mais belas coisas da mesma forma que evitas assuntos que te sejam difíceis ou delicados.

Nunca ninguém se apaixonou por mim assim, *desabafaste, sentado no sofá, com aquele teu ar de derrotado, vagamente melodramático e encantador, porque é sincero.*

E foi tudo. Não te consegui arrancar nem mais uma palavra. Nunca respondes às ondas de paixão que te atiro, tantas vezes sem querer, sem ter a noção do quanto isso te sufoca. Não faço de propósito, acredita, é mais forte do que eu.

Ou era.

Nessa noite, não voltei a chorar depois de ter desligado o telefone. Felizmente o meu filho já dormia e por isso entreguei-me ao sono de uma forma total, esperando que as horas de descanso me devolvessem um pouco de tranquilidade e algum conforto. Afinal, ninguém tinha morrido nem estava doente, a nossa conversa não trazia à mesa nada de novo, tu limitaras-te a fazer o jogo habitual do caranguejo que recua sempre que avança.

Quando vês a morte de frente, passas a relativizar tudo o que não é fundamental para a tua sobrevivência. A proximidade com a morte tem um lado profundamente libertador: percebes que não morres, nunca morres, apenas mudas de dimensão, e aprendes a ver a realidade com outros olhos.

Nessa noite, estava eu a contar-te, sonhei com outros homens. Homens que nunca conheci, que me fizeram acreditar, mergulhada no sono profundo, que o meu coração podia voltar a encher-se como uma onda. Nenhum deles eras tu. Acreditei então que talvez fosse o meu subconsciente a libertar-se de ti. Mandeí uma mensagem à Patrícia,

que tinha ido a Madrid ver uma exposição retrospectiva do Picasso, a dizer que estavas a ficar com barriga, que andavas com os pés para dentro e o teu olhar não tinha qualquer brilho, por isso decidi ver-me livre de todas as sombras e andar por cima das pedras. Respondeu com o seu habitual pragmatismo, *andar por cima das pedras é bom, o que é mau é viver na barriga da baleia.*

Mas voltemos à tarde em que tive o ataque de hipotermia, mais de um ano antes, ao som das baladas de Aznavour. Nessa tarde não fizemos amor. Resistimos estoicamente, mais eu do que tu, porque os homens perdem sempre a cabeça, o desejo tolda-lhes a razão e o coração. Quando o coração também lá está, poro por poro, gesto por gesto, no cheiro, no toque, nas bocas, espalhado por toda a pele como uma pomada, quase nunca pensam em resistir. Aliás, nesses momentos, deixam de pensar.

Tu tentaste, tentas sempre, é normal. Aprendi há pouco tempo que se mede o poder de um homem sobre uma mulher pelo tempo que ela gasta a pensar nele durante a ausência, ao passo que se mede o poder de uma mulher sobre um homem quando está com ele. E tu queres sempre estar comigo quando estás comigo. É um entendimento raro, quase inapreensível. Repetiste vezes sem conta ao longo destes anos que sempre que estavas comigo também estavas contigo. Só quem te conhece muito bem pode medir a grandeza do que aqui escrevo. É que tu só estás contigo mesmo quando estás sozinho; habituaste-te ao exercício permanente de camuflagem na presença de mais pessoas. Tenho razão, não tenho?

Vivi iludida durante tanto tempo, julgando que o amor era feito de grandes arrebatamentos! Até o será, certamente, para os espíritos apaixonados. Mas tem de haver muito mais. Momentos perdidos no tempo não enchem os dias. Noites sozinha na cama a desejar o teu corpo ao meu lado, semanas, meses, anos de uma solidão povoada de segundas escolhas, até apareceres outra e outra vez, e para quê? Para me obrigares a pão o meu corao ao espelho e depois desapareceres de novo? Para assegurares que o meu amor por ti se mantinha, eterno, certo, intemporal, intocável?

Tu não voltavas por mim, voltavas por ti e para ti. As minhas injeoes de afeto alimentavam-te o ego. Os teus regressos serviam para marcares ainda e sempre o teu território. Mas tu alimentavas a ausência, o vazio, o grande equívoco de todo este amor. Porque na verdade, meu querido, estou agora em crer que nunca houve amor. Não da tua parte.

Há alguns meses, ao telefone, voltaste a afirmar que olhavas para trs e vias uma grande paixão, a história de amor mais importante da tua vida. Mas enquanto a viveste, sempre a negaste, lembras-te? Eu é que era a louca que te perseguia, a teimosa que não te largava, a obstinada que não desistia. Era sempre eu que puxava o barco, tu sentavas-te  popa a olhar para mim, inerte, preguiçoso, encolhido nos teus medos, nas tuas dúvidas, na tua ausência de vontade própria.

Quando te ouvi confessar que me amaras, sorri em silêncio, como se troasse de mim própria. Senti um leve sabor a vitória, porque eu sempre tivera razão. Tu amaras-me, contra todas as tuas forças, amaras-me e sofreras com tudo isto.

Não és nenhum monstro. O fato de admitires o teu amor, de certa forma, consolou-me. A ironia, que quase sempre se cruza com o destino, é que me confessaras o que eu sempre desejara ouvir, apenas com vários anos de atraso. E eu sei que só te atrevias a dizê-lo porque para ti já era parte do teu passado, um pretérito nada perfeito, e no entanto encerrado. Era a segunda vez que me fazias a mesma confissão, uns anos depois, como se o tempo não existisse.

De que valia o teu desabafo sincero e desarmado, se afinal nunca vivemos em paz e alegria esse tão grande amor?

Os amores são para ser vividos, sonhá-los não basta. São para se consumir, até que morram, talvez, mas sem medo, com ganas, com desejo, com vontade, como se não houvesse amanhã, porque, em abono da verdade, ninguém pode saber se amanhã, precisamente à hora em que escrevo estas palavras, ainda cá estaremos, eu, tu, qualquer uma das pessoas que amamos.

Há um ano, neste mesmo dia, ia morrendo. Lembras-te? Foi já tarde quando me ligaste. O pior já passara, a sucessão de acontecimentos dançava sem norte no meu espírito, apesar de nunca ter sentido medo. A Ana, que aguardava com o meu telemóvel para filtrar as chamadas, ainda me pediu que não atendesse. Mais uma vez não fui capaz de te resistir. Imaginei-te sozinho em casa, longe, numa terra que não é a tua, sem saber o que se passava.

Anos antes houve um atentado na tua cidade exatamente na linha de metro que apanhas todos os dias e lembro-me de ter ficado paralisada de medo até receber uma mensagem tua a dizer que estavas bem, por isso atendi sem hesitar. A tua voz queria transmitir-me segurança e conforto, como se o poder de decidir sobre a minha vida

estivesse sob o teu controlo, foi bom sentir-te tão forte, embora te imaginasse desfeito de medo.

Todos esses medos já se foram. Semanas mais tarde fui operada ao coração, correu tudo bem e fiquei como nova. Uma vez mais tive sorte.

Espero durar e perdurar neste mundo, viver tudo o que tenho direito a viver e, acima de tudo, além de fazer felizes aqueles que amo, ser também eu muito feliz.



Na verdade já o sou, mas como é algo de novo, temo não me ter ainda habituado. A felicidade requer esforço, também é uma forma de valentia; dá muito mais trabalho lutar por uma felicidade possível do que escolher os caminhos da resignação. Mais do que sorte, é uma vocação, já o escrevi, ainda que nem sempre a tenha exercido.

Vivi demasiado tempo a sonhar com o impossível, e, pior do que isso, teimando que as minhas quimeras se poderiam tornar realidade. Essa insatisfação impotente tornou-me ansiosa, irritável, fez-me esquecer que a minha vida é a maior empresa que tenho em mãos, e que a humildade serve também para reconhecer que, por vezes, perdemos o que mais valorizamos. Um dos primeiros passos para se ser feliz é deixarmos de ser vítimas dos problemas. Pode parecer-te um exagero, mas, depois de ter estado doente, apercebi-me de que era meu dever agradecer a Deus a cada manhã por continuar viva e com saúde.

Ser feliz é não ter medo dos próprios sentimentos, é saber falar de si mesmo sem pudor. É ter coragem para ouvir um «não» e ter a segurança para receber uma crítica, mesmo que injusta. E já que não posso voar por cima das pedras que me vão surgindo pelo caminho, guardo-as uma a uma, para construir o meu castelo.

Demorei vinte anos a construí-lo, pensando que um dia viverias nele. E tu agora já não cabes lá dentro. Mas isso é por outras razões que não as apresentadas anteriormente. Não te guardo qualquer mágoa, nem tampouco tristeza. E embora acredite que ao longo da vida nunca perca a vontade de te escrever, este é já o dia em que te esqueci. É quando arrumamos aqueles que amamos no nosso coração e encontramos a paz sem esforço nem encenações fáceis que podemos dizer que tudo acabou. E o meu amor por ti há muito que morreu, nem te sei dizer quando nem como. Só sei que agora te vejo com outros olhos, ainda que eu seja sempre a mesma, aquela que te amou. A realidade é evolutiva, e o que era verdade há um ano, hoje já não existe e nem sequer faz qualquer sentido. E as saudades também vão morrendo, porque não podemos continuar a amar aquilo que já não existe.

Agora és como um primo afastado, alguém que não faz parte da minha vida. E tudo isto sem dor. Não quiseste ser meu marido, serás sempre meu amigo. A amizade também alimenta o coração. Eu preciso da tua e sei que precisas da minha.

Demorei quase um ano para chegar a este estado de serenidade. Uma sequência de pequenas vontades pode conduzir-nos a grandes resultados. É isso que te quero contar a seguir.



Voltemos um pouco atrás, ao Verão de todas as dúvidas.

Pela primeira vez em muitos anos, decidiste passar férias no teu país. Vinhas à procura de respostas, de uma possível reconciliação da tua identidade estrangeirada com a terra que te criou e te viu crescer. Querias perceber como é que te irias sentir por cá, ficando mais algum tempo do que o estipulado nos fins de semana voláteis e fugidios.

Anunciaste o teu desejo por telefone com alguma solenidade e pompa, porque de fato era algo que há muitos anos não fazias. O simples vislumbre da tua presença em território nacional por duas semanas deixou-me literalmente em pânico. Tu estavas a querer marcar o território, como fazem os animais, agora que me sabias noiva de um desconhecido, mas só demasiado tarde me apercebi disso. Não me querias perder. Eu era a tua eterna namoradina deste porto de abrigo, à semelhança dos marinheiros, e ainda por cima com vocação de Penélope, como na canção de Chico Buarque *sentada, pregada na pedra do porto*, lembraste-te?

De uma forma ou de outra, e oficialmente noiva, eu acabava por me revelar sempre disponível, ainda que te resistisse fisicamente. Mas

nesse Verão tudo mudou, as defesas que construía com tanto esforço e empenho ruíram mais depressa do que um castelo na areia.

As férias podem ser uma maldição quando, de repente, te vês obrigado a passar uma infinidade de dias com alguém de quem não gostas. Também já te deve ter acontecido. É como se te prendessem o coração atrás das grades e tu mesmo tivesses deitado fora a chave do cadeado. Sentes-te refém de ti mesmo. Não foi a primeira vez que me vi nesta armadilha; contudo, parece-me que uma das grandes lições ao longo da existência é estarmos condenados a aprender coisas que já sabemos. Mantendo-me a custo e teimosamente no terreno da normalidade que ele acreditava ser a realidade, e porque, se não o fizesse, iria ter de admitir a seguir que as coisas não estavam bem, convidei-o para vir de férias ao meu país. *Se o conseguir aguentar 15 dias seguidos, aguento tudo*, convenci-me.

E consegui. Com enorme esforço, é certo, cruzei a meta a que me tinha proposto. E para o conseguir socorri-me de alguns truques; escudei-me em passeios de barco com amigos, jantares e outros eventos sociais, recheei os dias de ócio com atividades variadas e encontros com outras pessoas.

Quando o vi chegar, duvidei do sucesso da minha missão e acreditei que já nesse Verão ele pressentia que as coisas não estavam bem. Enganei-me. Revelou-me mais tarde que essas duas semanas se haviam desenrolado como um sonho. E eu não pude evitar de pensar na velha máxima que diz que o sonho de uns pode ser o pesadelo de outros.

Ele chegou sorridente e animado e rumamos ao sul. À medida que os dias passavam, o sol foi-lhe apagando os traços cinzentos da expressão sempre séria, ao mesmo tempo que tornava o seu corpo atlético cada vez mais atraente. Além disso, talvez porque pressentisse, ainda que de forma não consciente, que me estava a enjoar dele, fazia longos passeios a pé durante o dia, pouco tempo depois de chegarmos à praia. Estávamos instalados numa casa confortável e modernamente decorada que o meu pai alternativo me emprestara, na qual existe uma excelente biblioteca básica de literatura contemporânea. Também foi a biblioteca que me ajudou a salvar os dias de férias. Nesses momentos, eu fechava *As Memórias de Adriano*, nas quais aproveitava para mergulhar de cabeça durante todos os tempos mortos — e que decidira reler porque sabia que a revisitação de tão grandiosa obra iria levar os meus pensamentos para outras paragens e de alguma forma camuflar o meu coração —, e telefonava à Ana para desabafar.

As mulheres possuem uma maldade própria e secreta, que se manifesta de forma sutil em pequenos gestos e comentários sarcásticos para quem está de fora, e que na intimidade atinge níveis de terrorismo emocional de tal forma elevados que podia facilmente tornar-se objeto de estudo por parte da Anistia Internacional. É a nossa vingança; os homens lutam para fora, nós lutamos para dentro. Vocês erguem espadas e espingardas, nós levantamos a confusão e criamos a discórdia. Vocês afiam as lâminas, nós afiamos a língua. Vocês querem vencer o inimigo fora de portas, nós inventamos o inimigo do lado de dentro das paredes. Se, por qualquer motivo caem no labirinto do desencanto, somos capazes de tecer a mais perversa das teias até vos roubarmos todas as armas, todas as defesas e vos

deixarmos sufocados e paralisados, vítimas de uma armadilha fatal. Não somos melhores nem piores, apenas lutamos de forma diferente e em nome de outras causas, porque, embora feitos da mesma matéria, não sentimos o mundo da mesma maneira.

Eu tinha caído na minha armadilha. Estava encarcerada na barriga da baleia e sabia que não conseguiria aguentar aquela farsa durante muito mais tempo. Algumas semanas mais tarde, quando tudo terminou, a Ana disse: «Toda a gente já tinha percebido que não gostavas dele, menos tu, querida.»

Muitas vezes somos mesmo os últimos a saber a verdade, sobretudo quando se trata de fatos relativos ao próprio, tal como quando sofremos de uma doença mortal e só muito perto da morte aceitamos que não a vamos vencer. O vulcão de tristeza e de insatisfação estava prestes a acordar: eu sentia o ar pesado à minha volta assim que o dia começava.

Apesar de o processo de ebulição já se encontrar ativo, os dias sucediam-se, curiosamente, com alguma leveza. Sabendo que sou pouco dada à rotina indispensável para algum conforto diário, ele desdobrava-se em idas ao supermercado, pequenos-almoços requintados, refeições saudáveis e leves. A domesticidade e todas as tarefas inerentes à dinâmica de um lar sempre me sufocaram; gosto de receber em casa, sou uma cozinheira razoável, mas nunca comprei um avental, detesto ir às compras e o governo do erário doméstico sempre teve para mim mistérios insondáveis.

Não sou nem nunca fui preguiçosa; o que se passa é que nunca me realizei com a plenitude doméstica. Prefiro ler um bom livro.

Tudo parecia calmo e apaziguado, embora eu não conseguisse deixar de embirrar com pequenos nadas: como arqueava os braços quando caminhava, os dedos enrolados no cabo do garfo em caracol, e outros modos pouco corretos à mesa que criavam entre os dois um abismo maior do que aquele que Moisés conseguiu quando separou as águas para salvar o seu povo do jugo egípcio.

Olhava-o em silêncio e perguntava-me: «Mas o que é que eu estou a fazer aqui sentada com este homem, um estrangeiro que nunca aprenderá a falar a minha língua sem sotaque, que nunca entenderá os meus códigos sociais, nem se irá encaixar no meu mundo?»

Não o conseguia imaginar integrado na minha vida. Estava a começar a detestá-lo, não porque ele fizesse por isso, mas porque aquilo que eu pensara ser uma grande história de amor revelara-se um ingênuo engano: eu não amava aquele homem. Aliás, em bom rigor, já nem sequer gostava dele. E, ao mesmo tempo que tecia estas reflexões, criando em seu redor a teia fatal, fazia ainda pior: comparava-o contigo. É que contigo sempre me senti em casa, é como se tivéssemos sido casados ou pertencido à mesma família numa encarnação anterior, sempre nos sentimos marido e mulher ao lado um do outro, os nossos amigos comuns sempre nos viram assim. Somos pena do mesmo pato, a tua mãe também podia ser minha mãe, o teu irmão é meu irmão emprestado, nós fazemos parte do mesmo mundo. E este homem era e seria sempre um *outsider*, um forasteiro, um intruso, um ridículo valete de paus que deseja emparelhar no baralho de *tarot*.

Mesmo assim, e porque as mulheres possuem uma capacidade de dissimulação que as distingue de outras espécies, esforcei-me, diria até, forcei-me a acreditar que aquilo era o melhor para mim. Ao fim das duas semanas, sentia-me já de novo rendida a ele.

Vês agora como a natureza feminina é também volúvel e enganadora? *La donna è mobile, qual piuma al vento.*

Já no final das férias, fomos a uma festa e senti-me observada por olhares curiosos. Aparentemente encarnávamos a imagem do casal ideal. Ele é um homem alto e bonito, duas semanas de sol tinham-lhe feito bem. Nessa mesma noite adormeci embriagada por essa projeção que conseguira criar nos outros, como se precisasse de ter a confirmação alheia para acreditar, por fim, na minha encenação.

O subconsciente pregou-me uma partida, abrindo-me os olhos para a realidade enquanto dormia. Nunca sabemos ao certo quanto tempo sonhamos, por vezes acordamos com a impressão de que sonhamos a noite inteira com um episódio que terá durado apenas alguns segundos, mas o tempo, tal como os sonhos e tal como a própria realidade, possui contornos de relatividade que a nossa existência terrena e corpórea não domina.

Há quem diga que os sonhos servem para que a alma se solte do corpo e viaje até outra dimensão, presa apenas por um fio de prata que a faz regressar ao corpo momentos antes do despertar.

Será esta uma explicação possível para que os mortos recentes nos visitem em sonhos? Nos meses a seguir à morte da minha querida avó materna, ela aparecia-me muitas vezes para me dar conselhos e contar-me episódios divertidos, como fazia quando era viva.

Mas não foi a avó Henriqueta que surgiu nos meus sonhos. Acordei com a quase certeza de ter sonhado contigo durante toda a noite. Desde que adormecera até ao momento em que regressei ao meu

estado consciente estivéramos sempre juntos. Enlevada e elevada numa outra dimensão, conversáramos, caminháramos na rua de mão dada e depois abraçados, encontráramos alguns amigos e a tua família.

Foi horrível. O gato de Alice voltara ao meu reino encantado só para troçar de mim. Subitamente, todo o esforço racional e consciente que eu fizera durante aquelas duas longas semanas para me convencer de que o homem que eu amava era outro caiu por terra e desfez-se em pó. Tu continuavas a ser o dono do meu coração e eu não possuía qualquer poder para alterar isso. Foste tu quem deitou a chave fora, não eu.

Senti o desconforto e a confusão inerentes a uma existência dúplice, a mesma pela qual passaste durante alguns anos, enquanto alimentavas o amor de duas mulheres; a tua namoradina do emprego que te aquecia os pés e eu. Passar pelo mesmo ajudou-me a perdoar a tua fraqueza. Aquilo que nos faz perdoar tanto a uns e tão pouco a outros mantém-se escondido nos terrenos pantanosos de todos os processos ilógicos. Da mesma forma que amamos cada pessoa diferentemente, também somos díspares no perdão.

Levantei-me da cama sem fazer barulho, fui até ao jardim que se debruçava sobre a falésia, sentei-me na relva e fiz o que fazem as pessoas quando se sentem sós e impotentes: chorei mais uma vez, não por ti, mas por tua causa. Não, dessa vez chorei por *minha* causa. Como é que o subconsciente me pregava uma partida daquelas, logo quando tudo parecia tão bem, tão calmo e apaziguado?

A noite de todas as certezas transformara-se na madrugada de todas as dúvidas.

O coração tem razões que a razão desconhece. E o espírito é sempre vítima dos enganos do coração. Dizem que a paz do coração é paraíso dos homens e nunca entendi tal afirmação até àquele momento. Não passo de uma comum mortal, ainda por cima fraca. É no coração que trago todos os demônios. E os piores pensamentos, aqueles capazes de alavancar atitudes hediondas e inqualificáveis, de onde é que eles vêm? Do coração.

Um ano antes, ou talvez há mais tempo, eu escrevera o meu primeiro livro infantil, *A Rapariga que Perdeu o Coração*. O livro conta a história de Concha, filha única e muito agarrada aos livros, que vê o pai partir de casa e, para não sofrer mais, pede ao gênio da lamparina que lhe esconda o coração no fundo do mar. Naquela manhã em que a luz implacável do Sol acentuava o ardor nos olhos provocados pelas lágrimas, eu era aquela criança, prisioneira de uma solidão inventada por mim. Senti-me uma naufraga a deixar-me ir ao fundo de um oceano perdido, sem nome, daqueles que nem sequer vêm no mapa.

Mas senti-me sobretudo estúpida por me ter deixado enredar em tamanho engodo. Se é verdade que é o coração que faz o caráter, em que espécie de pessoa é que me estava a tornar? Como podia eu viver assim? E, no entanto, quantas pessoas não vivem do mesmo modo, escondendo o que verdadeiramente sentem? Fazendo a pergunta ao contrário, quantas pessoas vivem de acordo com o seu coração?

Estas e outras perguntas desenhavam-se sob o céu azul-cobalto que a manhã ia suavemente clareando, e eu sabia que não detinha

respostas para elas, ou que as respostas corretas não eram as que eu queria ouvir.

Quando ele apareceu pouco tempo depois, seguindo-me os passos como aliás sempre fez, e me perguntou o que se passava, dei uma explicação sucinta mas sincera, *I had a bad dream*.

Há muitas coisas que se tornam bastante mais fáceis de dizer numa língua que não é a nossa. Ele e eu podíamos usar as mesmas palavras, mas nunca falamos a mesma língua. Não expliquei com quem tinha sido o meu sonho, nem sequer porque foi mau. Mau foi ter acordado a seguir.



Parece-me que foi nesse dia que desisti de tentar amar aquele homem. Não foi um ato consciente, porque depois disso ele ainda voltou com os filhos para passar mais quinze dias de férias em minha casa. A Ana bem me avisou, chegando mesmo a sugerir que eu desmarcasse tudo. Mais uma vez não tive coragem.

E foi nessas duas semanas que eu perdi a paciência para ele, para as crianças e para tudo o que ele representava. Não que não fosse afeiçoada aos miúdos, não me entendas mal, o que eu não aguentava era a educação que ele lhes dava, estrita, rígida, na qual as crianças cresciam espartilhadas.

Estávamos no Verão, de férias, e no entanto os miúdos tinham horários rigorosos para tudo: horas para acordar, para ir para a praia, para as refeições — que ele queria que fossem sempre solenes, almoço e jantar de mesa posta com modos polidos, olhar vigilante e acusador se por acaso as crianças, por falta de treino e também pela tenra idade, sem intenção nem maldade, deixavam escorregar um fio de espaguete para fora do prato — tudo com muita pose e disciplina. Aquilo que ele

pensava ser uma boa educação, a meu ver, não passava de um conjunto anacrônico de bons modos, ou pior ainda, de uma série de gestos que considerava como bons modos, ele, o homem que dizia *bon appétit*, que no final das refeições não se coibia de se esticar e espreguiçar à mesa, que pegava no garfo e na faca como se fossem escopos!

Aquelas crianças encenavam uma felicidade postiça, um bem-estar que estalava ao mínimo tumulto. O rapazinho exibia um olhar melancólico e alheado, que apenas se iluminava quando o pai lhe dirigia a palavra ou sorria para ele. Era como se vivesse em função do pai, tudo o que fazia e dizia era para lhe agradar. E tal como o pai, não porque quisesse ser como ele, mas porque queria *ser ele*, era já um agradador profissional apenas com seis anos. A miúda, mais nova e menos manipuladora, agia mais livremente, revelando uma personalidade forte e independente.

Éramos grandes amigas, ela seguia-me como se eu fosse mãe dela e vivíamos apaixonadas uma pela outra. Nunca me esquecerei da sua carinha de boneca sorridente, da sua pequeníssima mão que eu fechava na minha, da forma como se pendurava nos meus braços antes de adormecer, enquanto me dizia *you are the sweetest*. Já mesmo no fim do fim, na derradeira noite que passamos os quatro, ela estava deitada entre os dois, pegou na mão do pai e colocou-a em cima da minha e eu chorei por saber que ia desaparecer da vida daquele ser adorável.

Em tempos mais felizes, ele orgulhava-se sempre que outras pessoas comentavam que ela parecia minha filha. Já o miúdo, mais velho, que sempre fora o centro das atenções, vivia roído de ciúmes, e como tal fazia birras, e o pai, em vez de as resolver sem dar grande importância, perdia horas e gastava o seu melhor latim muito escolástico e pretensamente pedagógico em longas conversas como se a criança tivesse o discernimento de um adulto. Fosse como fosse, ambos tinham ciúmes da nossa relação, porque talvez eu possuísse já com a pequena aquele entendimento impenetrável aos homens que duas mulheres conseguem alcançar com grande facilidade quando se compreendem e se respeitam mutuamente.

Olhando para trás, vejo que foi ela a única vítima inocente de todos estes embustes, e ainda hoje a recordo com prazer e já sem tristeza, pois não devemos chorar o leite derramado nem apropriarmos dos filhos dos outros, por mais que gostemos deles.

Na tentativa frouxa e já nada convincente de salvar o que ainda restava, comecei também a impor as minhas regras: não queria que entrassem no nosso quarto sem bater à porta, não queria ser acordada de manhã, uma vez que estava de férias — o meu filho aprendeu a respeitar o meu sono aos fins de semana desde os dois anos, não entendia por que é que aquelas crianças não podiam aprender a fazer o mesmo —, e pedi-lhe que contratasse uma *baby-sitter*, já que ele queria trabalhar durante a manhã e partira do princípio de que eu seria feliz a tomar conta dos seus filhos.

Várias vezes o ouvira dizer com ar pomposo e feliz a quem lhe perguntasse quanto filhos tinha, *juntos temos três*, como se as famílias se fabricassem de forma instantânea. Fazia um esforço inconsistente

para conviver com o meu filho, que interagia com ele mais por educação do que por simpatia. Queria à força que eu sentisse os seus filhos como meus. Embora aceitasse de bom grado a presença de mais duas crianças na minha casa, o peso das regras, as birras controladas, o fato de ele só se levantar do computador não quando os miúdos choravam mas quando eu lhe pedia ajuda, tudo isto começou a dar cabo de mim.

Ele tinha-se instalado em minha casa com os filhos, sem nunca se ter oferecido para pagar uma conta, nem sequer a do supermercado, a tentar impor as regras dele, aquilo era demais. E o pior é que nem sequer se apercebia! Provavelmente estava habituado a agir assim, sempre o ouvi falar da ex-mulher de forma paternalista, mascarada de falsa generosidade, sem no entanto se coibir de a ridicularizar. Só faltava chamar-lhe atrasada mental, porque nela tudo eram defeitos, o que me levava a duvidar da tão apregoada generosidade que parecia querer espelhar em seu redor. Afinal, se ela era assim tão desinteressante e se ele sabia disso há tanto tempo, porque é que decidira ter filhos com ela, ao fim de sete anos de casado, quando, segundo o próprio, as coisas já não estavam nada bem? Confrontado por mim sobre tamanho mistério, respondeu-me com o ar mais natural do mundo: «Num dado momento ambos decidimos abraçar o projeto de constituir uma família de forma racional», assim como quem constitui uma empresa, pensei. «Mas como», insisti, «se já sabias que o teu casamento era uma farsa?» «Não gosto de desistir das coisas», respondeu e depois mudou de assunto. O que ele não quis admitir foi que não sabia viver sozinho, nunca soube, como mais tarde se veio a provar. O super-homem não passava de um menino da mamãe, obsessivo, controlador e dependente. Que grande farsante!

Eu também não gosto de desistir de nada, pensei, mas não era capaz de fingir que fora feliz durante catorze anos como ele fingiu. Não admira que toda a encenação se desfizesse como um cenário que arde em combustão lenta e que se mantém de pé apenas porque ninguém abriu uma das portas do teatro: à mínima aragem, a corrente de ar desfaz tudo num ápice e uma vassoura chega para varrer o palco.

Comecei a vê-lo como um dependente. Afinal ele nunca largara a mulher porque não conseguia aguentar-se sozinho, apesar de já nem sequer gostar dela, mas quando me encontrou não teve qualquer remorso em separar-se dela. Ele pertence àquele tipo de homem que tem sempre um plano, e eu fora apenas um plano mais estimulante e mais interessante do que o que ele tinha anteriormente. Afinal, poderia ter sido outra qualquer, tal como se veio a provar a seguir. Mas já lá iremos.

Afinal, era ainda mais fraco do que tu, porque vivia convencido de que era muito forte, que fazia sempre tudo da melhor maneira possível, como um relógio suíço. Só lhe faltava sair da caixa uma vez por hora para dar com um martelo na cabeça do cuco.

Ao menos sempre assumiste as tuas limitações. Apesar das patifarias que me fizeste, nunca andaste a fingir que vivias feliz, que eras muito equilibrado, que só pensavas no bem comum e no que seria melhor para todos. Que grande pantomineiro me tinha saído na rifa! E sempre a fingir que estava tudo bem, a encenar uma harmonia postiça, como se nós, seres humanos, possuíssemos a capacidade de mascarar a realidade de forma a moldá-la ao nosso desejo. Que

pretensão mais ridícula! Meus senhores e minhas senhoras, eu estava na presença de um grande impostor.

Os quinze dias arrastaram-se penosamente porque eu não me sentia de férias fechada na minha própria casa e apenas a pequenina me trazia alguma alegria e bem-estar. Às vezes levava-a a passear ou às compras. Então sentia-me livre e feliz. Nunca esquecerei as suas gargalhadas e o enorme prazer que sentia em tê-la por perto, em vesti-la a seguir ao banho, em secar-lhe o cabelo. Ela sentava-se e ficava muito quieta à espera que eu a tornasse ainda mais bela. E eu brincava com aquele ser encantador, cheio de vida e de graça e sonhava que ela também me pertencia.

No dia em que o levei ao aeroporto para o voo de regresso, esperando poder finalmente respirar o meu ar sem imposições alheias, anunciou-me que tinha a intenção de voltar com os filhos nas férias intercalares de Outubro, esperando impor mais uma vez a sua vontade, sem sequer perguntar se eu estava de acordo. Expliquei-lhe que, ao contrário da mulher dele, que dava meia dúzia de aulas por semana para fingir que trabalhava, em Outubro eu já estaria envolvida em não sei quantos projetos e o meu filho na escola. Duas crianças em casa, de férias, não era exatamente a melhor ideia do mundo.

Lembro-me que fui muito contundente quando lhe expus todos os argumentos e, para meu espanto, vi os seus olhos inundarem-se de lágrimas enquanto se queixava, fazendo-se de vítima, chamando-me egoísta, mimada, que não gostava dos miúdos, e por aí fora. Ao que respondi, de forma fria e definitiva, que tinha um trabalho, que tudo o que ele usufruía era fruto do meu trabalho e que não podia prejudicar

o meu ritmo de vida só porque ele me impunha os miúdos quando lhe apetecia.

Embarcou de má cara e chegou a dizer-me, dias depois, que viria para Portugal e ficaria num hotel com as crianças, já que eu não o queria na minha casa. Demorei algumas conversas a persuadi-lo a não fazer tal disparate e por fim lá se convenceu a deixar os filhos com a mãe dele quando voltasse.

Dois dias depois de o ver partir, farta de refeições formais, de noites maldormidas, de passeios pedagógicos ao Oceanário e ao Museu da Marinha, fui ter com um grupo de amigos a Saint-Tropez. Nem sequer lhe sugeri que se juntasse a nós, a última coisa que me apetecia era voltar a vê-lo. Aproveitei o convite de uma amiga que alugara um quarto duplo e cujo marido desistira de ir, peguei nos meus melhores vestidos, nas minhas sandálias mais bonitas, nos meus *bikinis* mais sofisticados, na minha coleção de óculos escuros e de chapéus de praia e apanhei o primeiro avião sem hesitar.

Estava farta de viver na barriga da baleia, precisava de sair e voltar a respirar o meu próprio ar, a todo o custo e a qualquer preço. Uma semana em Saint-Tropez iria fazer-me bem.



Foram cinco dias inesquecíveis. O grupo de amigos que me esperava era muito divertido e senti-me de novo dona da minha vida e bem na minha pele. Passávamos os dias na praia, passeávamos pela vila ao final da tarde, à noite jantávamos nos melhores restaurantes e depois íamos dançar até às três ou quatro da manhã.

Nos dias seguintes, conheci várias pessoas que, de uma maneira ou outra, chamaram a minha atenção. Senti-me um pássaro que finalmente conseguia fugir da gaiola. Apesar da distância que fui mantendo em relação a este ou àquele homem que mostrava interesse por mim, regozijava-me interiormente em obter a atenção alheia. À noite, enquanto dançava com os meus amigos, mergulhada num mar de desconhecidos, tinha a sensação de estar tocada pelo poder da sedução.

Equacionei se era assim tão talhada para as alegrias da vida doméstica; a realidade das últimas semanas provara-me exatamente o contrário. Seria eu uma adolescente tardia, pertenceria àquele tipo de mulheres a que os franceses com toda a sua graça e sutileza de linguagem chamam *femme-enfant*, meninas traquinas que nunca crescem e por quem a vida passa com a leveza da inconsequência, e

que, em última análise, seriam felizes se nunca fossem obrigadas a assumir responsabilidades?

A questão é que eu podia escolher se queria viver assim: o meu trabalho permite-me levar o estilo de vida que bem entender. Além disso, sou nova, divorciada há mais de dez anos, tenho hábitos e manias de solteirona feliz. O celibato nunca me assustou, antes pelo contrário; preciso do meu espaço, dos meus silêncios, das minhas horas mortas para fazer o que me passa pela cabeça, mesmo que seja andar a vaguear de bicicleta pelo meu bairro sossegado ou passar uma tarde inteira a rever episódios de *Sex and the City* ou *Grey's Anatomy* com qualquer amiga tão independente quanto eu. E tenho várias. Nunca sofri de solidão diária; sempre tive à minha volta amigas fiéis e amigos dedicados. A minha solidão era de outro tipo, mais profunda e dolorosa, aquela que sentem as almas que acreditam já terem encontrado a sua gêmea e, no entanto, a vida, as circunstâncias, o destino ou a falta de vontade por parte do outro não permitem que a verdadeira união se realize.

Essa era a solidão em que eu vivia desde que te conhecera.

Não foi a vertigem de ter homens interessados em mim que me virou a cabeça de um momento para o outro; foi perceber que estava disponível para outro tipo de vida e que o modelo pequeno-burguês, da *casa e pucarinho*, não era feito para mim. Pelo menos não naquele momento nem com aquele homem, que só usava camisas brancas e pretas e que insistia em vestir um *blazer* para ir jantar fora, mesmo aos fins de semana. Mais valia andar de tênis e de *jeans* ruços a arrastar pelo chão. Mas para isso ele teria de ter onda, e a onda é algo que não se ensina, ou nasce com as pessoas, ou não há nada a fazer.

No quarto dia acordei com uma mensagem tua. «Estás acordada?» Vi a hora de envio, três e vinte e cinco. Sabia que estavas em Nova Iorque nessa semana. O que te teria levado a querer falar comigo àquela hora?

Ao fim da tarde voltaste a ligar. Estiveras no Pierre na noite anterior, sozinho, a beber um *Martini* antes de ires dormir. Provavelmente já sob o efeito libertador do álcool, deu-te para pensar que gostarias que eu estivesse lá contigo, «podíamos dar um passeio no parque e depois íamos ao Blue Note», disseste, com a voz cheia de saudades minhas.

Dentro de uma semana voavas para Lisboa e perguntaste se me podias ver. «Claro que sim», respondi. «A minha vida vai mudar, aliás, já mudou.» E para que não me fragilizasse mais com as revelações que te fizera, despachei-te com o pretexto de ainda ter de fazer a mala porque o avião partia cedo no dia seguinte.

As curtas férias em Saint-Tropez serviram para eu perceber duas coisas; a primeira, é que nunca seria feliz a brincar às famílias com aquele homem e, a segunda, é que, para além de todos os jogos de sedução em que me envolvia como uma adolescente sem maldade nem consequência, eu ainda não te esquecera.

Assim que aterrei em Lisboa fui almoçar com a Patrícia. Precisava de abrir o meu coração a alguém de confiança. Não é que a Patrícia simpatize contigo, aliás, nenhuma amiga minha mais próxima simpatiza, ainda que não te conheçam, mas pelo que me viram sofrer ao longo dos anos, sempre a abrir-te a porta e tu sem nunca te

decidires, compreenderás que não nutram simpatia pela tua pessoa. Até o meu filho, que sempre gostou de ti, te chama o Tio Otário. Inventou-te o nome quando era ainda uma criança, justificando a alcunha com uma pergunta retórica certa: «mas afinal esse não é o tio que nunca mais se decide?»

Razão tinha o Saint-Exupéry quando afirmava que as pessoas grandes nunca percebem nada sozinhas e que uma criança acaba por se cansar de lhes ter de explicar tudo.

O meu irmão mais novo é muito parecido contigo, também não se consegue decidir a dar um passo em frente. Tem trinta e dois anos, uma carreira sólida, uma namorada que era capaz de mover o mundo por ele e que espera pacientemente pelo dia em que as coisas mudem. Os anos vão passando e vejo-a cada vez mais cansada de esperar. De vez em quando a Matilde bate com a porta, ele vai atrás dela e recomeçam, mas depois nada se altera. O que terá acontecido a vocês, homens, para terem mudado a vossa conduta? Para onde foi o brio masculino? O que mudou na vossa gênese a ponto de terem baixado os braços em relação a nós, mulheres?

Voltando às minhas amigas, eu sabia é que também nenhuma delas gostava dele; a Patrícia achava-o plástico, não lhe tinha escapado a tendência compulsiva para agradar a toda a gente, e a Ana embirrava com o tom de voz melífluo, criticava o seu comportamento obsessivo com as crianças como se o mundo girasse em redor dos ditos anjinhos, como ele gostava de lhes chamar, e apanhou-lhe o sorriso falso, desenhado com a boca mas nunca com os olhos.

Aprendi há alguns anos a distinguir o olhar quente do frio quando a Ana me chamou a atenção para a forma como uma conhecida minha se insinuava fingindo-se minha amiga e cujo sorriso se desenhava à temperatura do sangue de um réptil. Ao olhar para uma fotografia em que aparecíamos juntas, a Ana apontou para a imagem e fez a clara distinção entre o meu olhar de mamífero e o olhar de cobra da outra, apesar do bonito sorriso que ostentava. Ele possuía o mesmo brilho metálico no olhar, cada vez que eu fechava os olhos para lembrar o seu sorriso, só conseguia distinguir o abismo entre a boca e o olhar gélido. Era um sorriso escarninho, forçado, artificial. Lembrava-me o Joker do Batman, só lhe faltava a capa.

A minha avó paterna também sorria assim e era má como as cobras, o oposto da minha outra avó. Quando esta morreu, deixou à minha mãe uma fortuna considerável, que ela distribuiu uma parte pelos filhos depois de ter comprado uma casa nova. A outra avó tornou-se ainda mais antipática e arisca, passou os últimos anos da vida a maldizer o casamento do meu pai com uma burguesa herdeira que lhe dera tudo, cega de paixão pelo outro filho, um tio meu, meio doido, que entretanto morreu com uma cirrose, pouco antes de a senhora se apagar. E quando esse momento chegou, nem sequer fui ao enterro dela. Alguns primos criticaram-me, chamaram-me fútil e egoísta, mas ao menos ninguém me pode acusar de cinismo ou de hipocrisia.

Já em miúda me encolhia sempre que a via, os seus beijos eram como picadas e o seu olhar gélido atravessava-me o peito como uma faca. E agora, aquele que em tempos eu acreditara ser o homem da minha vida, o mesmo que me pedira em casamento à beira do lago e

em quem eu já vira o retrato do meu herói, tinha parecenças com a minha avó.

O problema é que eu já estava completamente farta dele, e as férias em Saint-Tropez tinham constituído a prova dos nove; talvez afinal eu fosse mesmo mais feliz sem ele. E foi a cogitar em tudo isto que uma semana depois voltei a ver-te.



Podia lembrar como foi o nosso encontro, mas agora seria redundante, pois sei que as memórias são o teu bem mais precioso.

Nunca te esqueces de nada, és como eu, ou talvez ainda melhor do que eu a relembrar os mais ínfimos pormenores e sempre gostaste de fazer esse jogo cada vez que nos voltávamos a encontrar.

Lembras-te da primeira vez que me viste em casa do meu irmão? Não foi a primeira vez que te vi, já te tinha conhecido antes, mas tu não te lembras, nunca te lembras... eu conheço de cor a tua coleção de vestidos, lembro-me de todos os jantares, de todas as conversas, de todas as vezes que fizemos amor, gostavas de me dizer, como se eu precisasse que me avivasses tudo o que vivemos juntos.

Nunca foi preciso. A carne fala mais alto, as células têm a sua própria memória. Ainda que eu não quisesse, elas encarregam-se de me lembrar o que foi importante na minha vida. E tu foste muito importante, porque te amei sem restrições nem limites, aceitando-te com todos os teus defeitos, perdando os teus reveses mais vezes do

que seria recomendável, encolhendo os ombros às tuas hesitações, esperando sempre que um dia deixasses de ter medo de ser feliz e arriscasses uma mudança na tua vida. Para isso seria preciso que o desejasses, que considerasses que tal mudança te faria mais feliz, te poderia trazer algo que te faz falta, e disso, meu querido, não tenho a certeza.

É preciso encontrar lugar para o amor na nossa vida, é preciso dar-lhe espaço e tempo, é preciso ser humilde e corajoso, não ter medo de investir, e arriscar, mesmo sem nunca saber o que o futuro nos reserva. A proximidade com a morte libertou-me de muitos medos: já não tenho medo de morrer, nem que os meus planos falhem. Sei que a existência se encarregará de me trazer aquilo que me fizer mais falta, tal como aconteceu antes. Sempre tive muita sorte e sempre senti uma espécie de bênção, e agora, mais do que nunca, acredito que esses ventos nunca vão mudar. Sinto mais confiança na vida, mais confiança em mim e talvez seja isso que constitua a grande diferença entre a mulher que conhecestes há cinco anos e aquela em que me fui transformando. Sinto-me mais sólida, tenho os pés mais bem assentes no chão; já não confundo os sonhos com a realidade, o desejo imediato com a paixão, o prazer físico com o amor e o amor com o desejo.

Imagina que as cores se foram separando até chegar às primitivas e que, quando as misturo, não me engano. Entendes o que aqui te escrevo? É preciso saber separar as águas, as cores, o coração da cabeça, o ontem do hoje, o desejo da vontade, a paixão do amor, a

realidade da ficção, ainda que por vezes nos enganemos e tomemos o certo pelo errado ou vice-versa.

Naquele final de Verão, cometi mais uma vez o mesmo erro ao acreditar que tu estavas a um passo de mudar a tua vida e que por isso, finalmente, poderia dar-se um milagre. Mas os milagres só se dão por grandes causas e a nossa causa não desviou a atenção dos deuses do Olimpo ou de outras confrarias. Quem se dirige a Deus passa por devoto, mas quem afirma escutar a Sua voz é facilmente tomado como doido.

Tu podias ter mudado a tua vida por mim, mas não foi nada disso que aconteceu; mais uma vez, depois de me veres de novo descomprometida, recuaste em silêncio e subtraíste-te do meu mundo. Fizeste-o de uma forma sutil, nada repentina, porque não és de rupturas. O que é certo é que o fizeste, e eu não tive outra alternativa senão aceitar que ficava de fora das tuas escolhas.

Cada vez que entro em bloqueio de escritor — há uns anos nem sabia o que isso era e ria-me dos outros escritores quando eles se queixavam, até ao dia em que me bateu à porta — vou almoçar a casa dos meus pais, e a minha mãe, talvez a mulher mais sábia que conheço, tranquiliza-me dizendo: «Querida, tenho a certeza de que vais conseguir chegar ao fim desse livro que estás a escrever.» «Como é que a mãe tem tanto a certeza?», questiono. «É simples, já acabaste os anteriores.»

History repeats itself. Demorei muito tempo a perceber que nunca serias capaz de tomar uma decisão e de mudar a tua vida por mim, ou

por nós, ou mesmo por ti, exatamente porque nunca o fizeras antes. Funcionamos por repetição, os temas de vida de cada pessoa acabam por ser sempre os mesmos. A minha carta do *tarot* é o Carro, preciso de estar sempre a andar para a frente, a construir alguma coisa, ou a mudar outra. Estou e estarei em movimento, sempre, sempre. Talvez a tua seja a do Dependurado, erradamente chamada a do Enforcado, porque, se reparares bem, o homem está de braços cruzados, vivo da silva, à espera que o Universo se encarregue de convocar as circunstâncias necessárias para que o nó se solte.

Quando percebi isto e apaziguei o meu coração, com talvez a única explicação que até agora fez algum sentido, já tinha perdido tudo.

Depois do nosso encontro, escrevi-lhe uma longa carta na qual terminava a nossa relação nos moldes em que ele a definira: já não queria brincar às famílias perfeitas, estava farta de alimentar um amor à distância e não via como o nosso futuro se poderia organizar.

Não me foi fácil escrevê-la porque senti que estava a matar um sonho de outra pessoa depois de ter perdido o meu, mas nunca me arrependi de o ter feito. Existiam nas nossas vidas obstáculos que, com o tempo, se iriam revelar impossíveis de transpor. Eu não queria assumir a responsabilidade de o afastar dos filhos e de o fazer mudar de país sem ele ter trabalho garantido; eram decisões arriscadas e nada sensatas. Estaria ele a contar com a minha qualidade de vida para o manter? Nunca ousei lançar tal tema para a mesa, conheço-o demasiado bem para antever uma cena em que se sentiria profundamente ofendido com tal assunção da minha parte, embora nunca se tenha oferecido para contribuir com absolutamente nada

enquanto mantivemos a nossa relação: era eu quem pagava todas as minhas viagens, dividíamos as contas dos restaurantes a meias e durante um ano em que foi ficando em minha casa, nunca pagou uma conta que fosse, nem sequer se lembrou de me oferecer um presente para a casa. Mas estou a desviar-me do essencial: a carta tinha de ser escrita e foi enviada por correio eletrônico.

Ele respondeu com uma curta mensagem que dizia: li, compreendi, choro e aceito. Dois dias depois telefonou-me para me comunicar que estava em Lisboa. Instalou-se num hotel manhoso — sempre foi muito forreta —, ofereceu-me pela primeira vez num ano um presente que não eram nem rosas nem chocolates e pediu para se encontrar comigo. Não tinha como recusar; eu estivera noiva dele, negar-lhe uma última conversa pareceu-me indelicado. Encontramo-nos para um copo ao fim da tarde, convidou-me para jantar, e ele, com toda a paciência e charme, reconquistou-me parcialmente.

Mesmo assim, pedi-lhe que levasse as suas roupas da minha casa, já não éramos um casal com futuro, mas dois amantes que se iriam voltar a encontrar, ou não.

E claro, como todos os homens carentes e obsessivos, de regresso à sua cidade e depois de alguns dias de reflexão, não aguentando a dupla derrota de se ter separado de uma mulher, trocando-a por outra que o tinha deixado cair, numa semana arranjou uma terceira, pela qual se convenceu que estava apaixonado e que aquela, sim, era o grande amor da vida dele.

É certo que a minha peça emperrara no motor da vida dele, a vida do Homem que Tem Sempre um Plano, que controla tudo e que programa com seis meses de antecedência as férias e toda a sua vida na agenda de computador. Eu gorara-lhe os planos. O que me deixou abismada foi a sua capacidade infinita para se iludir, como fazem os adolescentes perante um desgosto amoroso, embalando na primeira oportunidade que se segue, convencidos de que o amor é um bem generoso e que está sempre a bater-nos à porta.

Não me incomodou que dormisse com outra mulher, uma vez que tinha sido eu a pedir-lhe uma pausa, um compasso de espera, e que eu própria não fazia a menor ideia de como iria desvencilhar-me da armadilha em que me metera. O que mais me impressionou foi a rapidez com que ele mudou de tom de voz quando falávamos ao telefone, utilizando agora o mesmo que em tempos ouvira quando falava com a ex-mulher à minha frente. E foi com grande nojo que o imaginei a partilhar toda a nossa intimidade com uma estranha, alguém caído de paraquedas nesta trama, uma francesinha de um metro e meio e cara de pastora com que se cruzou na sua cidade na companhia de um amigo meu a quem ele nunca tinha sido apresentado, mas que o conhecia de fotografia. Não perdi tempo a pensar no que ele poderia sentir por aquela mulher. Apenas percebi o que sentia por mim: raiva. O que ele fez só tem um nome, vingança.

Eu fui trocada como uma peça de um motor, de um dia para o outro, tal como ele substituíra a mulher por mim. Daí a necessidade doentia de brincar às famílias felizes, aquela conversa *dos nossos filhos*, aquela mania de ver a vida como um conto de fadas, tudo muito arrumadinho, muito pequeno-burguês, muito moralmente correto.

Que pobreza de espírito, pensei, afinal estava só a ser igual a si próprio. A montanha parira um rato. O grande cavaleiro que enfrentara todos os dragões, o dragão de um casamento morto, o dragão da distância, o dragão de uma língua desconhecida, transformara-se ele mesmo num dragão mecânico.

A substituição automática implacável e irreversível que ele operou, trocando o lugar e o papel de uma mulher que conhecera há poucos dias por mim, fez-me entender a facilidade com que ele anteriormente trocara uma vida de catorze anos em comum com a mãe dos filhos por uma paixão louca. É verdade que todas as paixões à distância se assemelham a catástrofes. Num dos infindáveis e inflamados *e-mails*, chamou derrocada ao fim da nossa relação.

Como conseguia então reconstruir tão rapidamente outro cenário de amor e harmonia? Exatamente porque não era mais do que um cenário: paredes de papelão erguidas sob o contrapeso artificial de estacas.

Um homem que se encosta às circunstâncias pode cair, daí a noção de derrocada. Inútil explicar-lhe que uma derrocada é um desastre natural que ceifa vidas, como um tornado ou a morte de alguém que amamos.

Para ele, tudo era absoluto, dramático, brutal. Para ele, ninguém podia falhar, e caso falhasse, ele encontraria a desforra, rápida e letal.

Nas costas dos outros vemos as nossas. Ele limitara-se a fazer comigo o que fizera com a mulher. *Once again, history repeats itself*. O que ele fez foi usar-se das pessoas para cumprir os seus planos.

Buber, filósofo judeu, chama a este tipo de relação o Eu-Isso, por oposição à plenitude de uma relação em que existe entrega total, Eu-Tu, em que ambas as partes respeitam o outro e não o utilizam. Aquele homem que em tempos se desenhara como o meu Príncipe Perfeito nem sequer tinha coração. No seu lugar existia um motor ao qual trocava as peças para que este funcionasse como ele queria, obviamente sob o pulso nazi do seu controlo. A isto chama-se um *control freak*. *Very freaky indeed*.

Justificou-se por *e-mail*, pedindo-me que fôssemos amigos, argumentando que eu não tinha espaço nem para ele nem para os filhos e que eu era uma menina egoísta e mimada, incapaz de construir uma relação. Ele não deixara de me amar, mas como eu tornara impossível o nosso amor, e dado que «tinha tido a grande sorte de ter encontrado alguém que lhe podia fazer companhia» (*sic*), preferia nunca mais olhar para trás.

As trocas de *e-mails* duraram ainda algumas semanas, palavras inflamadas e magoadas, tanto de uma parte como da outra, até ao dia em que decidi cortar de vez com aquela correspondência obsessiva e estéril na qual ele passara de minha vítima a meu carrasco, porque agora, com as costas quentes, que é como quem diz, com o corpo da outra a aquecer-lhe a cama, ele transformara-se em Tomás de Torquemada, apontando o dedo do alto da sua sabedoria, pronto a atirar-me para a fogueira, se assim as leis lhe dessem tal poder; que eu nunca o respeitara, que eu o tratava como ser inferior, que eu era uma *snob* presumida e arrogante que só pensava em festas e em destinos caros de férias, que eu tinha muitos problemas, que eu era um

monstro. E claro, que ele fora correto comigo, sempre e em todos os momentos, eu é que falhara.

Teve azar, há muito que me habituei a reconhecer os sinais desse jogo perverso. A culpa que alimenta quer a vítima quer o carrasco é um circuito emocional que conheço muito bem e há armadilhas das quais nos foi tão penoso sair que aprendemos a nunca mais cair nelas.

Ele era um covarde, rugia, mas nunca foi capaz de me morder. Não passava de um desvalente, escudado num moralismo calvinista, possuído pela dicotomia dos tristes que se regem exclusivamente pelo bem e pelo mal, como se nos comportamentos humanos não existisse margem para erros nem hesitações.

Ainda durante o Verão, eu vira-o algumas vezes a ser brusco com os filhos, a maior parte das vezes a partir do nada, e aquilo irritava-me. Nunca foi violento, nem acredito que alguma vez tenha batido nas crianças, mas nunca esquecerei um episódio, que se passou em minha casa: chegara a hora de as crianças irem dormir e tínhamos por hábito mostrar-lhes vídeos curtos no YouTube. Os miúdos, como é natural, foram pedindo mais um e depois outro, tentando esticar a corda o mais que podiam. A um dado momento, ele fechou o tampo do computador e declarou que a brincadeira acabara e que era a hora de dormir. O mais velho, num gesto quase instintivo, tentou puxar o computador para ele. O pai arrancou-lho das mãos, pousou-o longe, virou-se para ele com o dedo esticado e gritou-lhe: «O que acabaste de fazer foi um erro terrível! Pagarás por ele, nunca te esqueças do que te estou a dizer porque a partir de hoje irás sofrer por isto.»

A criança fitava-o, atônita e paralisada de medo, enquanto a pequenina fez uma coisa absolutamente extraordinária: tapou os ouvidos e começou a cantarolar e a rir-se para mim, virando as costas ao cenário de guerra. Fiquei gelada. Quantas vezes aquelas crianças não teriam sido já repreendidas de forma exagerada e despropositada? Com certeza as suficientes para uma menina de quatro anos treinar o reflexo de tapar os ouvidos e se autoexcluir do conflito. Mais tarde chamei-lhe a atenção e expliquei-lhe que, do meu ponto de vista, a sua reação fora exagerada; ele concordou comigo, embora a custo.

Este comportamento batia certo com os puxões sutis, porém frequentes, que eu o via a dar aos miúdos sempre que eles se sentavam mal à mesa ou demoravam a sair do carro, o que aliás ele fazia batendo a porta com tal violência que me fazia estremecer, e que me irritava tanto como os sorrisos gratuitos e escarninhos, a forma como se empertigava sempre que falava da sua profissão, usando o plural para definir o trabalho no seu escritório, dando a entender que chefiava uma vasta equipa, quando se limitava a chamar pontualmente um estagiário em épocas de mais movimento. O Mister Nice Guy, o senhor alto, simpático e solícito que tudo fazia para agradar a quem lhe interessava, não passava de um presumido, de um ditador de vão de escada. E quem não fizesse o que ele queria, teria de sofrer as consequências.

Não, aquele homem não era quem tanto se esforçava por querer parecer. Ele não sabia ter uma relação de igual para igual com ninguém: ou era um controlador obsessivo que mantinha tudo sob a sua alçada, ou era um apaixonado frouxo e dominado que não dava um passo sem mim, que vinha a correr atrás como um cão, que me

escrevia cartas de amor durante as manhãs em que eu pedia que me deixasse dormir até mais tarde, que me dizia tantas vezes por dia que me amava que me provocava vontade de vomitar, que me perguntava se o levava assim vestido para sair, como se da minha aprovação dependesse tudo.

Acredito que depois da paixão que teve por mim, e teutônico como é, tenha decidido programar o coração de forma a nunca mais se deixar enfeitiçar por uma mulher, embora esteja mais inclinada em pensar que neste momento a outra fará dele aquilo que muito bem entender, tal como provavelmente a mulher fez, quando ele ainda era obcecado por ela. Que grande palhaço!

Ainda que durante algum tempo te tenham pesado os remorsos da potencial responsabilidade no que levou ao fim da relação, hoje só tenho a agradecer-te por todo o mal que naquela época me causaste; acabou por ser um bem, porque me liberei de um imbecil com o qual, se não tivesse tropeçado em ti no Chiado seis meses antes, poderia ter caído na asneira de me ter casado, e estaria com certeza muito infeliz. O mais irônico é que não fizeste de propósito; o teu regresso não te trouxe de volta como tanto desejei, mas acabou por se revelar providencial.



É nos piores momentos da vida que nos apercebemos com quem podemos contar.

Uma semana depois de a bomba ter estourado, o meu irmão mais novo teve também um AVC. Se com trinta e oito anos o meu AVC deixara toda a gente espantada, o do Vasco, com apenas trinta e dois, desportista nato, velejador e jogador de *rugby*, deixou toda a família em pânico e a namorada em estado de choque.

Os meus pobres pais, que mal se haviam recuperado do susto que apanharam comigo, viram-se de novo na agonia de um filho doente, entubado, nos cuidados intensivos e sem respostas imediatas, porque, ao contrário de mim, ele perdera a consciência e não chegara ao hospital tão depressa.

Foi a semana mais longa da minha vida. Eu acabara de virar a minha vida sentimental de pantanas por não saber o que queria, tu regressaras à tua cidade deixando vários pontos de interrogação no ar e o meu querido irmãozinho estava gravemente doente. Conheces a sensação de ficar sem chão?

Depois de realizados os exames, os médicos chegaram à conclusão de que ele sofria de uma deficiência em tudo semelhante à minha e

que, tal como eu, padecia de atrofia nas artérias cervicais, o que potencia a ocorrência deste tipo de acidentes.

Foram cinco longos dias de agonia, até ele recuperar os sentidos e ser transferido dos cuidados intensivos para a enfermaria. Como ficou internado no mesmo hospital onde eu estivera, encontrei maneira de entrar e de sair às horas que queria, subornando as auxiliares com livros e outros presentes. Pedi ao pai do meu filho que ficasse com ele durante o tempo que fosse necessário, e quase nunca saí da cabeceira do meu irmão. Revezava-me com a minha mãe e com a Matilde; vinha a casa dormir algumas horas, à base de calmantes, e voltava assim que podia. Emagreci quatro quilos e a Matilde, cinco.

A minha mãe parecia um *zombie* a arrastar-se pelos corredores do hospital, recusando-se a ir para casa mesmo quando a Matilde e eu estávamos no hospital. O meu pai, já fraco e doente, ficou sem força nas pernas para sair de casa. Valeu-me o apoio da minha irmã, que nunca falha em momentos cruciais, da Ana e da Patrícia, do Miguel, do teu irmão, da tua mãe e, claro, o teu, por telefone, todos os dias, à mesma hora, não tanto para falar do estado de evolução dele, mas para me dar alento e força.

O mesmo já não posso dizer do meu ex-namorado. Liguei-lhe no dia em que o Vasco foi internado, não atendeu. Deixei um extenso recado, lavada em lágrimas, desesperada, apavorada com a ideia de poder perder uma das pessoas que mais amo, lembrando-me do que deveriam ter passado os meus irmãos quando eu fora internada. O que

recebi em troca foi uma mensagem curta e polida, desejando as rápidas melhoras. O filho da puta nem sequer se deu ao trabalho de me telefonar. «Estava na apresentação de uma empresa e depois tive um jantar formal», desculpou-se quando me ligou, quase uma semana depois. «Uma semana!» Respondi: «O meu irmão está em perigo de vida, não partiu uma unha.» Fiquei chocada com a frieza, notando a distância com que ele lidava com o que se passava. Nunca mandou uma palavra de apoio aos meus pais, nunca lhes telefonou ou escreveu, apesar de ter sempre feito tudo o que estava ao seu alcance para os seduzir enquanto era meu namorado. Agora tudo lhe era indiferente, porque eu era uma peça descontinuada no mecanismo de um relógio suíço que não podia parar.

* * *

Nessa mesma semana conheci o Eduardo. O pai dele estava internado no mesmo piso e acabou por morrer alguns dias depois. Cruzava-me com ele e com a mãe e as irmãs no corredor, na sala de espera e no bar. Fiquei impressionada com a calma e a sobriedade com que lidavam com a perda iminente do pai. Fui eu que meti conversa com a irmã mais nova e em pouco tempo estabeleceu-se entre nós um forte laço de solidariedade. Este era o terceiro internamento, os médicos deram um diagnóstico reservado, toda a família estava à espera do pior.

O contato com o Eduardo foi tão natural que nem me lembro bem como tudo aconteceu. Comoveu-me a sua timidez, a sua compostura, o estoicismo com que o vi enfrentar a realidade. E mais uma vez

entendi o meu sofrimento à luz do sofrimento alheio e por isso, quando rezava pelo Vasco, também rezava pelo pai dele.

Ao quarto dia de cuidados intensivos, quando o médico nos disse que o Vasco iria finalmente passar para a enfermaria, vim para casa e tomei um comprimido para dormir. Pela primeira vez em quatro dias consegui sentir o leve toque do chão debaixo dos pés, que se assemelhava a uma passadeira rolante que nunca se desligava. Apesar de tudo, na manhã seguinte quando me levantei da cama, a passadeira debaixo dos pés estava um pouco mais lenta. E durante esses dias só me telefonou uma vez, por obrigação polida, sem conseguir nenhum calor nem sequer me emprestar algum alento.

Tu ligavas todos os dias, às vezes mais do que uma vez. Ouvias-me e animavas-me. Obrigavas-me a falar de outras coisas, conseguias distrair-me. Desculpaste-te por não poderes cá vir, mas estiveste sempre presente, como no dia do meu AVC, nos dias que se seguiram, e também no dia da minha operação ao coração.

Nessa mesma noite, o pai do Eduardo partiu, sem ninguém à cabeceira. Quando cheguei ao hospital, vi a cama vazia. Mantive-me à margem, é sempre uma invasão partilhar a dor da morte com outras pessoas, a não ser que sejam família ou amigos íntimos. E a morte é um mistério, nunca estamos preparados para a aceitar. A desgraça é irmã da solidariedade. Ali estávamos nós, dois estranhos, unidos pelo mesmo pânico. Mais uma vez tive sorte. O meu irmãozinho sobreviveu. O Eduardo ficou sem pai.

E foi assim que o Eduardo entrou para a minha vida e nunca mais saiu. De uma forma tão suave e tranquila que nunca precisei de enumerar as suas qualidades para me convencer do que sentia por ele, nem de o vender às minhas amigas, porque simpatizaram com ele no momento em que o conheceram. Os dias correm agora tranquilos e serenos, vivo uma paz tão inesperada e ao mesmo tempo tão desejada! Estamos juntos, não sei por quanto tempo, mas estamos felizes e enquanto estivermos assim, faremos tudo para continuar o nosso caminho.

A palavra chão ganhou um novo significado. Não penses que perdi a capacidade de voar, nada disso. Apenas mudei a minha visão, a minha perspectiva das coisas.

Eu só sabia viver ou em sonhos ou perdida na barriga da baleia. O dia a dia com o Eduardo resgatou-me para o mundo real. Agora já sei por onde vou, qual o chão que piso. Nem sempre sei para que lado virar quando encontro um cruzamento, mas sento-me e espero até que o tempo ou a vida me ajudem a escolher a direção mais segura. Como diz a minha mãe, finalmente cresci. Amadureci, tornei-me mais sensata e também mais responsável.

O meu querido irmão recuperou, semanas mais tarde foi operado ao coração pela mesma médica que me operara e tudo correu bem. Três meses depois decidiu casar-se com a Matilde. O Vasco também cresceu, também amadureceu, fez-se à vida e deixou de ter medo. Aprendeu a ser mais feliz, como eu. Esperam agora um bebê, e sempre que estou com eles dou por mim a invejar a barriga da minha cunhada. Quem sabe, um dia, eu tenha a mesma sorte?

A ti, vejo-te agora como um grande amigo. Às vezes conversamos por telefone, outras vezes vens cá e juntamo-nos com a tua família, que de certa forma também é a minha. A tua mãe continua a ser uma grande amiga, o teu irmão continua meu irmão e sei que lá longe estarás sempre pronto para mim. Alcançamos finalmente o terreno da amizade profunda e serena e arrisco-me finalmente a dizer que nunca mais voltaremos atrás.

* * *

Podemos demorar muitos anos até conseguir passar por cima das coisas sem mágoa. Primeiro vem o esforço, depois o falso esquecimento. Seguem-se o rancor, a revolta, a sensação de impotência. Tantas vezes nos atiramos para os braços de outro homem, pensando que esse é o caminho mais curto para esquecer alguém, e tantas vezes esse é o caminho que se revela mais longo! Durante todos estes anos eu ouvia a minha música preferida dos Beatles e associava-a sempre a nós: *the long and winding road/ that leads to your door/ will never disappear/ I've seen that road before/ it always leads me here/ leads me to your door.*

Trauteava a letra vezes sem conta e pensava na minha história contigo. Até que um dia, de regresso a casa ao volante do meu carro pela estrada da Marginal, a apanhei por acaso na rádio e nem sequer me lembrei de nós. Talvez tenha sido esse o dia em que te esqueci.

Há mesmo um dia, meu querido, em que chega a libertação, dia D do coração. Nunca é quando queremos, apenas e só quando estamos preparados. E para nos prepararmos é preciso querer. Quantas e

quantas vezes as pessoas usam o verbo conseguir de forma errada! Quando eu dizia que não te conseguia esquecer, a verdade é que não *queria* esquecer-te. Tu alimentaste a minha inspiração durante demasiado tempo e nada é mais difícil de uma pessoa se libertar do que de um hábito que lhe traz benefícios.

Querer e conseguir não são o mesmo; só consegues quando queres, o contrário não é possível. Escrevo para me ler e para me ouvir, porque também preciso das minhas palavras. Preciso que elas me alimentem sem que ao mesmo tempo me matem. Palavras de alento e de esperança, agora com os pés na terra, em vez de voar como um pássaro atrás de quimeras. Quantas vezes os oásis mais desejados não passam de miragens!

O amor é outra coisa. Constrói-se do chão, levantando pedra atrás de pedra, como se de penas se tratasse. Sem medo, com calma, sem esforço, apenas com vontade. Dando espaço e tempo, dando a mão. O amor é um caminho a dois. *Caminante no hay camino, el camino se hace al andar*. E a grandeza de um homem está em ser uma ponte, não uma meta, e ninguém consegue construir uma ponte sozinho.

O amor é uma construção. Não sei se algum dia saberás o que é. Eu estou a aprender. Aprendi muito neste último ano em que descobri que era mais feliz se vivesse o amor plenamente.

Deseja-me boa sorte, porque a quero e mereço. E a ti, desejo-te a paz possível de uma existência subtraída, e o desejo de que um dia encontres o teu fio de Ariadne que te conduza à saída do labirinto. A

gratidão não é mais do que a alegria de tudo o que existe ou existiu, por oposto à angústia, que é a tristeza por tudo o que não existe ou nunca existiu. Espero que a gratidão te guie e te ilumine com a mesma força com que me tem conduzido.

Não guardes esta carta no teu coração, ela não te pertence. Pertence a todas as mulheres que aprenderam a deixar de sofrer por amor e conseguiram seguir o seu caminho, encontrando a saída, ou uma das saídas do labirinto. Não penses que deixaram de amar; apenas aprenderam a amar de outra forma, bem mais bela, por ser a real.

Esta carta, que é também uma despedida do meu antigo modo de viver, é acima de tudo uma carta para mim própria.

Envia-a a alguém que precise de uma chave para sair do seu próprio labirinto, uma vez que não a podes usar para ti. A tua chave está dentro de ti, ninguém tem o poder de ta entregar. Descobre-a e usa-a para encontrares o teu próprio caminho. Afinal, não é o que todos tentamos fazer?

PAÇO DE ARCOS, 28 DE JULHO DE 2009

Leia também:

Diário da tua ausência

Não sou de estragar um livro contando o final.

O final não interessa, mas sim o desejo do amor em ultrapassá-lo.

Em *Diário da tua ausência*, Margarida Rebelo Pinto expõe a procura desesperada de seu amante.

Um desespero sempre é manso.

Quem grita não está sofrendo.

Quem fala baixo respeita a falta e aprende que, antes de qualquer perda, tem que enfrentar o luto de si mesmo.

Em tom de correspondência sussurrada, Margarida vinga Penélope, inverte o juízo de valor machista e mostra os trabalhos da escrita para Ulisses ler.

Corajoso é aquele que fica, enfrentando diálogos imaginários, suportando a dependência química, recorrendo às sobras de fotos, hábitos, lembranças.

O livro é doído, exagerado, derramado, uma caixa de lenços, último teste dos cardíacos.

É amor para não se entender e, mesmo assim, aceitar.

Não definimos ou planejamos o escolhido de nosso afeto, não há como conter e controlar o destino, não existe como enterrar a paixão na culpa.

Margarida Rebelo Pinto pega a pá para não usar. Recebe os corvos e as aves de rapina somente para dizer que o corpo de seu amado é dela.

A separação é inventar nascimentos e formas de reatar a convivência.

É descobrir o que deu certo mais do que aquilo que deu errado e repetir, incansavelmente, até se convencer ou chorar.

Fabício Carpinejar

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

O dia em que te esqueci

Skoob do livro

http://www.skoob.com.br/livro/73857-o_dia_em_que_te_esqueci

Good reads do livro

<http://www.goodreads.com/book/show/8484496-o-dia-em-que-te-esqueci>

Wikipedia da autora

http://pt.wikipedia.org/wiki/Margarida_Rebelo_Pinto

Facebook da autora

<https://www.facebook.com/pages/Margarida-Rebelo-Pinto/107362396001431>

Good reads da autora

https://www.goodreads.com/author/show/833133.Margarida_Rebelo_Pinto

Capa

Da autora

Rosto

Créditos

Dedicatória

Abertura

Epígrafe

Livro

Leia também

Colofão

Saiba mais